



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

**NATALI DA ANUNCIAÇÃO SANTOS**

**PROCESSOS FONOLÓGICOS DO GUINEENSE MODERNO**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2020**

**NATALI DA ANUNCIACÃO SANTOS**

**PROCESSOS FONOLÓGICOS DO GUINEENSE MODERNO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras, *campus* dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Shirley Freitas.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2020**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da Unilab  
Catalogação de Publicação na Fonte

S236p

Santos, Natali da Anunciação.

Processos fonológicos do guineense moderno / Natali da Anunciação Santos. - 2020.  
59 f. : il. mapas, color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da  
Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2020.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Shirley Freitas.

1. Língua guineense - Fonologia. 2. Língua guineense - Pronúncia. I. Título.

BA/UF/SEBI

CDD 469.1496657

**NATALI DA ANUNCIACÃO SANTOS**

**PROCESSOS FONOLÓGICOS DO GUINEENSE MODERNO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras, *campus* dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Shirley Freitas (Orientadora)**

Doutora em Letras Universidade de São Paulo (USP)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Manuele Bandeira**

Doutora em Letras Universidade de São Paulo (USP)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

**Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Amanda Macedo Balduino**

Mestra em Letras Universidade de São Paulo (USP)

Universidade de São Paulo (USP)

Dedico esse trabalho e todas as conquistas da minha vida, primeiramente, a Deus e meus  
(minhas) ancestrais que abriram caminhos para essa jornada.  
Dedico a minha mãe, Iolanda Ramos, a meu pai, Felix Pereira, a minha irmã, Natalia Santos e  
a meu querido e amado sobrinho, Lorenzo Anunciação.  
Minha enorme gratidão à professora Shirley Freitas e a todos(as) que fizeram parte  
dessa caminhada.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a pessoas que foram importantes para construção desse trabalho. Primeiramente, a minha mãe, Iolanda por ser a minha grande inspiração, ao meu pai, Felix, a minha irmã, Natalia por ser a minha companheira nessa vida, e a pessoa mais importante, meu sobrinho Lorenzo por ser a minha alegria. Obrigada a todos(as) por me entenderem quando não pude estar em momentos importantes.

Agradeço a minha orientadora, Shirley Freitas, pela paciência, dedicação e pela oportunidade de aprendizado. Obrigada por tudo, principalmente, por ser a minha grande inspiração acadêmica. Agradeço também, antecipadamente, à professora Manuele Bandeira e a Amanda Balduino pela disponibilidade e participação da minha banca, meus sinceros agradecimentos.

Nessa caminhada tive a oportunidade de conhecer pessoas maravilhosas que levarei ao longo da minha vida, em especial: Sândila Bomfim, João Vitor, Andreia Regina, Valmira Bispo, Luciana Santos, Ana Kézia, Beatriz Conceição, Valdimiro Esteves. Essa caminhada não seria possível sem a presença de vocês, obrigada por tudo. Essa caminhada foi marcada por professores maravilhosos também, agradeço a vocês pelo grande aprendizado.

Por fim, agradeço a todos(as) que contribuíram para a realização desse trabalho, e sem esquecer de agradecer aos informantes, obrigada pela disponibilidade. Todo meu carinho e gratidão às pessoas que se fizeram presentes na minha vida e na minha pesquisa.

“E nada pedi, entreguei ao mar, e nada pedi, me molhei no mar, e nada pedi, só agradei.” (Música composta por Duarte e Filho).

## RESUMO

Este trabalho pretende analisar com base em fatores estruturais, como a estrutura silábica, alguns processos fonológicos do guineense moderno e, a partir daí, apontar as características próprias do guineense, retirando a ideia que a língua é “simples” ou uma forma “corrompida” do português. O guineense é uma língua de base lexical portuguesa que apresenta poucos estudos na área da fonologia, e isso corrobora para as concepções errôneas sobre a língua, como: “simplicidade ou forma errada de falar o português”. Assim, ao analisar e descrever o guineense, estamos contribuindo com trabalhos que falem sobre essa língua, sobretudo em contexto fonético e fonológico. Para a construção do aporte teórico relacionado ao contexto socio-histórico, utilizamos autores, como: Rougé (1986), Pratas (2002), Costa (2014) e Bandeira (2017). Quanto aos aspectos fonológicos, foram utilizados autores como: Hora (20--), Macedo (2004), Cristóvão Silva (2010), Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2017) e Lima & Scherre (2018). Para análise e descrição dos processos fonológicos do presente trabalho, realizamos entrevistas com 6 (seis) informantes (quatro homens e duas mulheres), todos estudantes da UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira) *campus* dos Malês (São Francisco do Conde – BA). Para as entrevistas utilizamos 69 palavras retiradas do dicionário de Scantamburlo (2002), entre essas palavras, consideramos os seguintes processos fonológicos: (i) palatalização do /s/ em posição de onset complexo, coda medial e final; (ii) nasalização e nasalidade em posição tônica e pré-tônica; (iii) velarização do /l/ em posição de coda medial e final; (iv) variação do /r/ em posição de onset inicial e medial e coda medial e final. Observamos a ocorrência do processo de palatalização do /s/, em posição de onset complexo, em todos os informantes, como, por exemplo: [ʃkɔle] “escola”, [ʃkade] “escada”. Em posição de coda silábica medial, temos a realização do fone [ʃ] em algumas palavras, como em: [ʃefte] “festa”, [kaʃke] “casca”, mas não tivemos a ocorrência nas palavras [goste] “gosta” e [pis] “peixe”. Quanto ao processo de nasalização, verificamos a existência de vogais nasalizadas, como, por exemplo: [mũdo] “mundo”. Contudo não encontramos a nasalidade na vogal que antecede a consoante nasal na sílaba seguinte, como, por exemplo: [kame] “cama”. Quanto ao processo de velarização do /l/, analisamos a ocorrência em posição de coda silábica medial e absoluta, como, por exemplo: [sɔɫ] “sol”, [aɫta] “altar”, em apenas 1 (um) informante não houve a velarização do /l/ na palavra [afi'naw] “afinal”, apresentando um processo denominado de vocalização do /l/. Quanto à variação do /r/, verificamos a ocorrência de três fones: vibrante simples [r] em posição de onset inicial e medial e coda medial e final, vibrante múltipla [r] em posição de onset inicial, em uma palavra e um único informante, por fim, a fricativa velar [x] em posição de coda medial e final. Os resultados encontrados na pesquisa são relevantes para a análise e descrição dos processos fonológicos estudados no guineense, principalmente pelos poucos estudos realizados na área de fonologia.

**Palavras-chave:** Língua guineense - Fonologia. Língua guineense - Pronúncia.

## ABSTRACT

This paper aims to analyze based on structural factors how the syllabic structure some phonological processes of modern Guinean and point out the characteristics of Guinean, challenging the idea that this language is a simple or corrupted form of Portuguese. Guinean is the Portuguese-based lexical language with few studies on its Phonology. This fosters misconceptions about this language, such as “simplicity” or a “wrong way to speak Portuguese.” Thus, by analyzing and describing the Guinean language, we contribute to works on this language, especially regarding phonetic and phonological contexts. To build the theoretical approach on the social and historical context we used authors such as Rougé (1986), Pratas (2002), Costa (2014) and Bandeira (2017). As for phonological aspects, we used authors such as Hora (20--), Macedo (2004), Cristóvão Silva (2010), Seara, Nunes and Lazzarotto-Volcão (2017) and Lima & Scherre (2018). To analyze and describe the phonological processes, we conducted interviews with six informants (four men and two women), all students of UNILAB (University of International Integration of African-Brazilian Lusophony), *campus* of Malês (São Francisco do Conde, Bahia, Brazil). In the interviews, we used 69 words taken from the dictionary of Scantamburlo (2002). To analyze these words, we considered the following phonological processes in different syllable positions: (i) palatalization of /s/ at complex onset, medial and final coda positions; (ii) nasalization and nasality at tonic and pre-tonic positions; (iii) velarization of /l/ in medial and final coda; (iv) variation of /r/ initial and medial onset and medial and final coda. We observed the occurrence of the palatalization process of /s/ at the complex onset position by all informants, such as [ʃkole] “school”, [ʃkade] “ladder”. At the syllable coda position medial, we noted the performance of the phone [ʃ] in a few words, as in [ʃeʃte] “party,” [kafke] “shell,” but we did not record the occurrence in the words [goste] “likes” and [pis] “fish.” As for the nasalization process, we verified the existence of nasalized vowels such as [mũdo] “world.” However, we did not observe nasality in the vowel that precedes the nasal consonant in the following syllable, such as [kame] “bed.” Regarding the process of velarization of /l/, we analyzed its occurrence at the medial and absolute syllable coda position, such as [sɔɫ] “sun,” [aɫta] “altar”. There was no velarization of /l/ in the word [afi'naw] “after all”, performed by only one informant. This process is called vocalization of /l/. Regarding the variation of /r/, we verified the occurrence of three phones: simple vibrant [ɾ] in initial and medial onset and medial and final coda, multiple vibrant [r] in an initial onset position in one word and a single informant, and fricative velar [x] in a medial and final coda position. The results found in this study are relevant for the analysis and description of phonological processes of the Guinean, mainly due to the scarcity of studies on Phonology

**Keywords:** Guinean language - Phonology. Guinean language - Pronunciation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b>	Mapa da Guiné Bissau .....	14
<b>Tabela 1</b>	Principais Línguas faladas na Guiné Bissau.....	18
<b>Quadro 1</b>	Questionário sociocultural .....	36
<b>Quadro 2</b>	Processo fonológico de palatalização do /s/.....	37
<b>Quadro 3</b>	Processo fonológico de nasalização .....	37
<b>Quadro 4</b>	Processo fonológico de nasalidade .....	38
<b>Quadro 5</b>	Processo fonológico de velarização do /l/ .....	38
<b>Quadro 6</b>	Variação do /r/ – coda.....	38
<b>Quadro 7</b>	Variação do /r/ – onset .....	39
<b>Gráfico 1</b>	Onset complexo .....	45
<b>Gráfico 2</b>	Coda medial .....	46
<b>Gráfico 3</b>	Coda final .....	46
<b>Gráfico 4</b>	Processo fonológico de nasalização .....	49
<b>Gráfico 5</b>	Coda medial.....	50
<b>Gráfico 6</b>	Coda final .....	51
<b>Gráfico 7</b>	Onset inicial .....	54
<b>Gráfico 8</b>	Onset medial .....	54
<b>Gráfico 9</b>	Coda medial .....	54
<b>Gráfico 10</b>	Coda final .....	55

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2</b>	<b>A GUINÉ BISSAU E O GUINEENSE</b> .....	13
2.1	O CONTEXTO DA GUINÉ BISSAU .....	13
2.2	A SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DA GUINÉ BISSAU.....	16
2.3	LÍNGUAS CRIOULAS .....	19
<b>2.3.1</b>	<b>Teorias de surgimento do guineense</b> .....	22
2.4	SÍNTESE DO CAPÍTULO .....	25
<b>3</b>	<b>PROCESSOS FONOLÓGICOS</b> .....	26
3.1	DESCRIÇÃO DOS PROCESSOS FONOLÓGICOS .....	26
<b>3.1.1</b>	<b>Palatalização do /s/</b> .....	27
<b>3.1.2</b>	<b>Nasalização e Nasalidade</b> .....	30
<b>3.1.3</b>	<b>Velarização do /l/</b> .....	32
<b>3.1.4</b>	<b>Variação do /r/</b> .....	33
3.2	METODOLOGIA .....	34
3.3	SÍNTESE DO CAPÍTULO .....	39
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	41
4.1	ANÁLISE GERAL .....	41
4.2	ANÁLISE DOS PROCESSOS FONOLÓGICOS .....	43
<b>4.2.1</b>	<b>Palatalização do /s/</b> .....	43
<b>4.2.2</b>	<b>Nasalização e Nasalidade</b> .....	46
<b>4.2.3</b>	<b>Velarização do /l/</b> .....	49
<b>4.2.4</b>	<b>Variação do /r/</b> .....	51
4.3	SÍNTESE DO CAPÍTULO .....	55
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	56
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	58

## 1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho foi pautado em analisar e descrever alguns processos fonológicos do guineense, uma língua de base lexical portuguesa falada na Guiné Bissau pela maioria da população do país. Em contexto fonológico, analisamos 5 (cinco) processos fonológicos que consistem em: palatalização do /s/ (posição de onset complexo, coda medial e final), nasalização e nasalidade (sílabas tônicas e pré-tônicas), velarização do /l/ (posição de coda medial e final) e variação do /r/ (posição de onset inicial e medial e coda medial e final), como podemos ver os dados, respectivamente: [ʃkɔle] - **skola** “escola”, [mũdo] - **mundu** “mundo”, [kame] - **kama** “cama”, [aʔta] - **altar** “altar”, [karte] - **karta** “carta”.

Dentre os objetivos estabelecidos nessa pesquisa, buscamos: a) analisar e descrever com base em fatores estruturais, como a estrutura silábica, alguns processos fonológicos do guineense moderno; b) contribuir para os estudos sobre a fonologia do guineense. O tema da pesquisa foi escolhido pelo fato de haver ainda poucos estudos fonológicos sobre o guineense e, muitas vezes, são feitos sob o viés do português, o que influencia em concepções errôneas, como a de que o guineense é um português mal falado.

Consideramos que o guineense foi estabelecida em um ambiente multilinguístico, dessa forma, podemos afirmar que esse ambiente não se formou somente pela língua portuguesa, mas, junto com ela, por todas as línguas étnicas faladas antes dos portugueses adentrarem o país e que permanecem até hoje na Guiné Bissau. Quando consideramos que o guineense é uma forma errada de falar português ou até mesmo o colocamos em posição de língua simples, estamos, dessa maneira, fazendo um apagamento das línguas faladas no território guineense. Especificamente em contextos fonológicos, muitos estudos apresentam o guineense em comparação com a língua portuguesa – como no trabalho de Costa (2014) –, principalmente, quando o guineense traz alguma característica diferente do português (sendo comuns comentários sobre a “carência” ou a “falta” de algum aspecto no guineense), essas características demonstram mais uma vez que a língua possui regras próprias para seus falantes e que não é formada somente pelo elemento português.

A pesquisa está organizada da seguinte maneira: capítulo 2 (Guiné Bissau e o guineense), capítulo 3 (processos fonológicos), capítulo 4 (análise dos dados) e capítulo 5 (considerações finais). No capítulo 2, apresentamos o contexto socio-histórico para formação do guineense, assim, discutimos o processo de colonização e independência do país e com relação ao contexto linguístico, buscamos conceituar o que são línguas crioulas e apresentar

possíveis hipóteses para o surgimento do guineense, bem como o cenário sociolinguístico do país.

No capítulo 3, discutimos os processos fonológicos e a metodologia aplicada para coleta de dados através de gravações com informantes da Guiné Bissau que estudam na UNILAB. Sabemos que o guineense apresenta ainda poucos estudos, principalmente na área de fonologia, desse modo, trouxemos alguns estudos sobre a língua portuguesa, mas o objetivo não era fazer uma comparação entre as línguas.

No capítulo 4, analisamos os processos fonológicos escolhidos para esse trabalho: palatalização do /s/ em posição de onset complexo, coda medial e final; nasalização e nasalidade (esta em sílaba tônica e pré-tônica); velarização do /l/ em posição de coda medial e final; variação do /r/ em posição de onset inicial e medial e coda medial e final.

Por fim, no capítulo 5, buscamos apresentar algumas considerações e resultados obtidos a partir da análise dos dados, como também alguns desdobramentos futuros.

## 2 A GUINÉ BISSAU E O GUINEENSE

Nesse capítulo, abordaremos a contextualização do guineense, língua falada na Guiné Bissau que recebe estatuto de língua nacional do país. Primeiramente, apresentaremos uma descrição do contexto socio-histórico, considerando a sociedade como agente principal para a formação do guineense, descrevendo também o processo de colonização do país. Em seguida, veremos aspectos linguísticos, destacando a heterogeneidade linguística da Guiné Bissau e o processo de surgimento do guineense. Desse modo, na seção 2.1, apresentaremos a localização geográfica da Guiné Bissau e o processo de colonização do país. Na seção 2.2, discutiremos questões sobre a situação linguística da Guiné Bissau e a descrição do guineense. Na seção 2.3, descreveremos as hipóteses sobre as diferentes definições de línguas crioulas. Na subseção 2.3.1, apresentaremos hipóteses de surgimento do guineense. Por fim, na seção 2.4, veremos a síntese do capítulo.

### 2.1 O CONTEXTO DA GUINÉ BISSAU

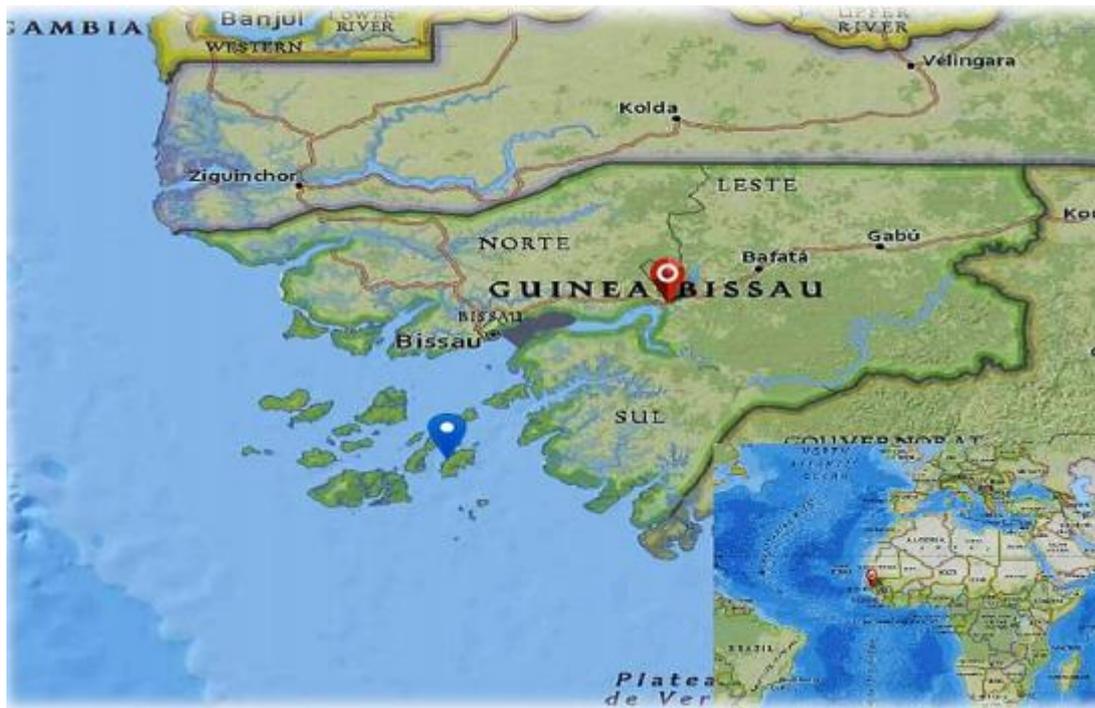
A Guiné Bissau apresenta um território de 36.125 Km<sup>2</sup> situado na Costa Ocidental Africana, banhado pelo Oceano Atlântico ao oeste, e fazendo fronteira ao norte com o Senegal, ao sul e a leste com a república da Guiné (CHAPOUTO, 2014).

De acordo com INE<sup>1</sup> (2009), a população de Guiné Bissau apresenta cerca de 1.442.227 indivíduos, sendo 48,4% correspondente ao sexo masculino e 51,6% relacionado ao sexo feminino. Essa população está dividida em oito regiões, sendo: Bafatá, Biombo, Bolama, Cacheu, Gabú, Oio, Quinara, Tombali e mais o setor autônomo de Bissau (SAB). Para compreendermos a localização, vejamos o mapa da Guiné Bissau (figura 1).

---

<sup>1</sup> Instituto Nacional de Estatística.

**Figura 1** - Mapa da Guiné Bissau



Fonte: <http://mapmaker.nationalgeographic.org/> apud Mané (2018, p. 17)

Após a ocupação da Guiné Bissau pelos portugueses no ano de 1446, iniciou-se a comercialização de escravizados e o país se tornou colônia de Portugal, tendo como capital, em períodos distintos, Cacheu, Bolama e Bissau. Conforme Costa (2014), logo após a chegada dos portugueses, era preciso a formação de entrepostos comerciais. Com a forte comercialização de escravizados, formaram-se as bases da colonização, chamadas praças e presídios. Para compreendermos o que eram esses locais, Costa (2014) argumenta que as praças eram bases com grandes dimensões armadas devido à falta de obstáculos naturais, já os presídios, ao contrário, apresentavam uma dimensão menor e pouco armamento.

No ano de 1630, foi fundada a capitania de Cacheu, que, de acordo com a autora, comportava cerca de 200 a 300 habitantes. Quanto à configuração da população guineense desses primeiros anos, Rougé (1986) destaca a população que se encontrava antes de Portugal se estabelecer definitivamente no território continental, como: os portugueses ou assimilados; os soldados; os grumetes. Em primeiro, está o grupo dos assimilados ou portugueses, como melhor se denominavam, vivendo de acordo com os costumes europeus. O autor utiliza uma equivalência entre os termos portugueses e assimilados, no entanto, os assimilados eram africanos que assimilavam a língua e cultura dos portugueses. O segundo está associado à parte que sobrou do exército português de Cabo Verde. O último está relacionado aos grumetes, que eram marinheiros das canoas e corretores do comércio interno e viviam em casas e ao redor dos

fortes que se concentravam nas praças. Desse modo, a concentração de população nas praças não era homogênea, mas formada pelos brancos e “assimilados” e pelos grumetes.

Com relação aos elementos formadores da sociedade guineense, devem-se mencionar ainda outros segmentos, como apresentado por Costa (2014). Os lançados eram fugitivos que se exilavam no continente africano fugindo das sanções régias e apresentavam um papel importante na formação do guineense (que será discutido na seção 2.3.1) e na integração da cultura com as tangomãs, as mulheres dos lançados, e os filhos da terra, os filhos dos lançados junto com as tangomãs. Nessa conjuntura temos os grumetes, africanos, geralmente convertidos ao cristianismo, que ajudam os lançados no comércio. De acordo com Gomes (2019), os lançados eram europeus que se adaptavam ao ambiente africano e apresentavam motivações diversas para estarem na África, como: obrigação a comando do capitão do navio, vítimas de naufrágios, cumprimento de pena por crimes cometidos em Portugal, principalmente motivos religiosos (prática de ritos e costumes judaicos), e muitos estavam na África na tentativa de enriquecer no comércio e pela busca do ouro.

Alguns anos mais tarde, devido ao desentendimento entre os comerciantes e as nações estrangeiras que tinham o objetivo de se firmar no país, Portugal concebe a capitania (praça) de Bissau, no ano de 1692, como estrutura administrativa. No ano de 1890, Portugal estabelece à Guiné o *status* de província de Portugal. A imposição do *status* de província levou às ditas guerras de “pacificação” ou “domesticação”, atos disfarçados de violência contra a população guineense, determinantes para a Guiné se tornar distrito militar com autoridades desempenhadas pela metrópole.

Essa dependência da metrópole gera graves consequências para a população, como descreve Costa (2014, p. 53), “Igualmente, permite entender a falta de interesse da burocracia colonial em relação à infraestrutura local, possibilitando avaliar, inclusive, a precária situação da assistência sanitária e o número resumido de alfabetizados (portugueses e descendentes).” A população estava passando dificuldades devido ao descaso de Portugal, nessa situação, Amílcar Cabral desempenhou um papel significativo para a independência da Guiné com a criação do partido da independência que ficou conhecido como União dos Povos da Guiné e Cabo Verde (PAI), que apresentava quatro objetivos principais, conforme Costa (2014, p. 54), “[...] a conquista da independência nacional; o desenvolvimento social e cultural; os objetivos de progresso econômico; e a democratização da Guiné e de Cabo-Verde.”

O partido PAIGC (antigo PAI) – Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde – organizou vários protestos contra Portugal que sempre respondia de forma violenta. O principal problema da organização de independência era a unificação entre os grupos étnicos

pela heterogeneidade linguística e cultural do país: o problema da unificação era fazer a união de diferentes culturas, com costumes variados para fortalecer a luta juntamente com a “classificação”.

O sentimento de independência e pertencimento foi instaurado a partir das barbaridades praticadas pelo governo português, até mesmo as zonas rurais sofreram o impacto das injustiças, assim a luta se tornou coletiva contra Portugal. Nos anos de 1966 a 1968, a luta contra Portugal ganha força, conforme Costa (2014), por princípios políticos e ideológicos e o país de Guiné Portuguesa é concebido como Guiné Bissau. No dia 21 de janeiro de 1973, Amílcar Cabral é assassinado e no ano seguinte, em 1974, Guiné Bissau se torna nação independente de Portugal, no entanto, Portugal só reconheceu independência 1 ano depois, em 1975.

Para a conquista da independência, foi necessária a união de vários grupos etnoculturais da Guiné Bissau, e uma das diferenças entre esses grupos está voltada à língua. Assim, no próximo tópico analisaremos as principais línguas faladas nesse país: a língua oficial, a língua nacional e as línguas autóctones.

## 2.2 A SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DA GUINÉ BISSAU

Na dimensão territorial da Guiné Bissau, se manifesta uma heterogeneidade linguística que, de acordo com Costa (2014), abarca cerca de 22 línguas, incluindo as línguas autóctones, a língua nacional e a língua oficial do país.

Na Guiné Bissau, o guineense (chamado por seus falantes de *kriol*) é a língua de comunicação, além de receber o estatuto de língua nacional; o português recebe a posição de língua oficial, de ensino e de ambientes formais, e as outras posições são atribuídas às línguas autóctones que representam a língua materna de grande parte da população das zonas rurais, na capital, a maioria dos falantes tem o guineense como língua materna, sendo que ainda se mantém na oralidade.

Nesse cenário de variação linguística, de acordo com Costa (2014), temos o português como língua oficial (500 falantes L1 – primeira língua ou língua materna), sete línguas em desenvolvimento: Balanta (397.000 falantes), Guineense (206.000 falantes L1; 6.000 falantes L2 – segunda língua), Manjaco (184.000 falantes), Mancanha (44.200 falantes), Papel (136.000 falantes), Fula (261.000 falantes) e Saracolé (5.000 falantes); nove línguas em vigor: Banyum (8.860 falantes), Biafada (44.900 falantes), Bijago (29.900 falantes), Jahanka (29.000 falantes), Ejamat (6.000 falantes), Jola-Fonyi (500 falantes), Kobiana (690 falantes), Mandinga (167.000 falantes), Mansoanka (15.500 falantes); três línguas ameaçadas: Bassari (510 falantes), Bayot

(2.190 falantes), Nalu (8.830 falantes); uma língua moribunda<sup>2</sup>: Badyara (4.480 falantes) e uma língua quase extinta: Kasanga (690 falantes).

Na relação linguística de Guiné Bissau, é possível observar uma situação de diglossia, tendo nos ambientes formais e no ensino o português que corresponde à L2 da maioria da população, apresentando apenas, como citado acima, cerca de 500 falantes que têm o português como língua materna<sup>3</sup>. Levando em consideração que o português é a língua oficial do país, esse número indica que a comunicação não é realizada em português, mas sim na língua nacional do país, o guineense.

O guineense é a língua utilizada na comunicação cotidiana do país e recebe o título de língua nacional. Nesse cenário, temos também as línguas étnicas, que, como o guineense, permanecem sobretudo na oralidade<sup>4</sup>. O guineense surgiu nesse ambiente de heterogeneidade linguística e foi uma língua inferiorizada para privilegiar a língua do colonizador. Como citado, o guineense, segundo os dados, tem cerca de 206.000 falantes de L1 e 6.000 ocupando a posição de L2.

Dentre as línguas que ocupam o território guineense, algumas apresentam um número superior de falantes, como se observa na tabela 1 (elaborada a partir dos dados de Costa (2014) citados acima).

---

<sup>2</sup> Costa (2014) não apresenta os critérios que diferenciam as classificações das línguas (em desenvolvimento, em vigor, ameaçada, moribunda e extinta), sendo possível que esteja relacionado ao número de falantes, no entanto, não podemos afirmar que esse seja o fator de definição seguido pela autora.

<sup>3</sup> Devemos salientar que a língua portuguesa recebe um título de prestígio, sendo possível questionar se existe realmente essa quantidade de falantes do português com L1.

<sup>4</sup> Conforme Costa (2014), já há uma literatura no guineense, como também textos bíblicos produzidos por missionários, e também existem poucos textos escritos em algumas línguas autóctones.

**Tabela 1** - Principais línguas faladas na Guiné Bissau

<b>Grupos autóctones</b>	<b>Número de Falantes</b>
Balanta	397.000 falantes
Fula	216.000 falantes
Guineense	206.000 falantes
Manjaco	184.000 falantes
Papel	136.000 falantes
Biafada	44.900 falantes
Mancanha	44.200 falantes
Bijago	29.900 falantes
Jahanka	29.000 falantes

Como descrito por Costa (2014, p. 65), “É importante ressaltar que, diante da quantidade de línguas existente no território guineense, é comum haver confusões entre o que seriam variedades ou dialetos de uma mesma língua ou línguas distintas entre si.” A questão voltada para definir língua e dialeto é muito complexa, pois envolve elementos políticos e a relação entre língua e poder. Por exemplo: o guineense é conceituado por muitos teóricos como um dialeto, mas se analisarmos o contexto social, histórico e linguístico, afirmamos que é uma língua, não um dialeto.

Couto e Embaló (2010) apontam a existência de um *continuum* das línguas faladas na Guiné Bissau, começando pelo português lusitano decorrendo para as variedades do crioulo aportuguesado, crioulo tradicional, basilectal, até chegar nas línguas étnicas. Como já explicitado em sessões anteriores, não conceituamos o guineense como um descendente direto do português, apesar de essa língua ser a sua base lexical. Existe uma variação linguística no guineense, como em outras línguas, mas não podemos determinar que existam um crioulo aportuguesado, um crioulo tradicional e um crioulo basilectal na configuração da língua. Também é falha a consideração de um português lusitano na variedade do português de Guiné Bissau, visto que o português falado nesse país não é o de Portugal; já é resultado de influências de outras línguas que estabelecem relação de contato, como o guineense e as línguas étnicas.

A língua apresenta mudanças influenciadas por fatores sociais e culturais do falante, assim Costa (2014) afirma que o guineense apresenta três variações linguísticas, a variação diacrônica, diatópica e diastrática. No que concerne à variação diacrônica, é possível configurá-la como mudança que acontece ao longo do tempo, ou seja, a língua falada anos atrás não permanece a mesma atualmente.

Na variação diatópica, a mudança vai ocorrer dependendo da região e do lugar em que a língua está inserida, como expõe Rougé (1995, p. 95-97 apud COSTA, 2014, p. 67) “[...] o surgimento de uma língua crioula não põe fim à situação de contactos linguísticos no interior do país. Ele complica-a, porque o crioulo aparece desde então como mais uma língua em contacto com as outras.”. Esse contato com as outras línguas existentes acarreta influências tanto na variação diatópica como diastrática, de acordo com a convivência social. A variação diastrática envolve fatores sociais, como a formação sociocultural do falante.

Essa situação linguística de heterogeneidade tem implicações no ensino. A Guiné Bissau perpassa um grande obstáculo quando o assunto é ensino, isso porque o país apresenta como língua oficial de ensino o português e a língua de comunicação é o guineense. A criança ao nascer entra em contato com as línguas étnicas do seu meio cultural e o guineense, no entanto, quando passa para fase escolar, é necessário o aprendizado da língua portuguesa. Conforme Costa (2014), nos primeiros anos de ensino os professores precisam ensinar em guineense para que os estudantes compreendam os assuntos.

Esse problema no ensino é causado porque as crianças devem aprender a ler e escrever em uma língua estrangeira. Poderíamos configurar uma melhoria no ensino se a língua de comunicação fosse implantada nas escolas, mas, segundo Costa (2014), houve tentativas para que o guineense assumisse o lugar de língua oficial do país, porém essa inserção ficou somente em projetos. Outro fator apresentado pela autora está associado ao fato de o guineense não ter uma escrita definida, havendo muita dificuldade na grafia unificada da língua.

A Guiné Bissau é um país em desenvolvimento, indicando que o ensino pode se modificar e o guineense passar a ser a língua de ensino, primeiramente na alfabetização, a fase escolar em que crianças sentem mais dificuldades, sendo a base de todo o ensino. Após essa tentativa, seria possível fazer um ensino tanto do guineense como do português nas escolas. Não é um caminho curto para percorrer, mas solucionaria a questão voltada para o ensino.

O guineense é uma língua crioula que surgiu a partir da multiplicidade linguística existente, assim na seção abaixo, conceituaremos as línguas crioulas e as hipóteses de seu surgimento.

### 2.3 LÍNGUAS CRIOULAS

Entre as perspectivas do surgimento dos crioulos, muitas teorias foram se formando e se fundamentando ao longo tempo, algumas apresentam argumentos relevantes para o entendimento, outras se desenvolvem a partir de formulações que caracterizam os crioulos

como línguas inferiores. Dessa forma, será feita uma análise com base nas diferentes definições das línguas crioulas.

Conforme Pratas (2002), o termo crioulo foi conceituado para caracterizar uma língua, sendo originado no período da colonização quando pessoas eram submetidas à escravidão nas plantações e comércio. A dificuldade nas definições do termo crioulo está associada à quantidade de escritos nos quais várias teorias foram sendo formadas para configurar essas línguas, porém nem todos apresentam um embasamento sólido. O que sabemos é que uma língua crioula surgiu do contato entre as línguas no ambiente multilinguístico, o que influenciou para sua formação, esse contato se constituiu pela língua denominada como superior e outras inferiores, devido à relação de poder e prestígio que favorecia uma língua (a do colonizador). Dessa forma, muitos escritos apresentam uma análise caracterizando os crioulos como uma tentativa de adaptação da fala dos colonizadores, mas esse contato não se constituiu apenas pela língua do colonizador, e sim por múltiplas línguas.

Já a definição de línguas crioulas argumentada por Bandeira (2017) apresenta informações importantes para os aspectos do surgimento da língua, principalmente a relação numérica entre os subjugantes que se apresentavam em menor quantidade e os subjugados em maior número, influenciando para a formação do contato linguístico, não seguindo essencialmente a língua do colonizador. Conforme Bandeira (2017, p. 103), “Tal desequilíbrio demográfico colaborou para a heterogeneidade linguística, de modo que nenhuma das línguas faladas por qualquer segmento dessa nova comunidade apresentou condições de ser eleita como língua da colônia”.

Com base nessas características, podemos configurar o surgimento dos crioulos pela necessidade de comunicação em um ambiente que se configurava pela diversidade linguística. A partir do contato, surge uma nova língua que nesse contexto não se constitui nem com a língua do colonizador, nem a língua dos colonizados, dessa forma, podemos desconsiderar formulações que conceituam os crioulos como adaptação de uma língua Indo-Europeia.

Outro fator importante está associado ao processo de formação das línguas crioulas, no que diz respeito a uma contextualização do processo socio-histórico. Os colonizadores invadiram e subjugaram diversos povos para a escravidão, destruindo uma comunidade para a exploração do trabalho, isso levando em conta que não eram pessoas que falassem a mesma língua, mas diversas etnias. O colonizador não tinha intuito de aprender ou ensinar a língua para o processo de comunicação, o único objetivo era que todo o trabalho fosse realizado, desse modo, o crioulo foi surgindo para estabelecer esse processo de comunicação emergencial. Essa construção é descrita por Bandeira (2017) da seguinte maneira:

Para tanto, os colonizadores passaram a subjugar o contingente africano, transformando suas populações em mão-de-obra, em sua maioria, escrava. Somada à exploração da força de trabalho, a emergência de línguas crioulas está relacionada à destruição do tecido social de comunidades linguísticas, submetidas a um novo código linguístico, e a um grau de isolamento e confinamento das populações escravizadas. (BANDEIRA, 2017, p. 102-103)

As primeiras definições sobre os crioulos consideraram-nos não como línguas que apresentam estruturas próprias, mas dialetos que sofreram adaptações das línguas europeias ou simplesmente defende-se que quem fala os crioulos são pessoas sem conhecimento e que apresentam uma dificuldade por serem línguas inferiores para se conseguir chegar às línguas dominantes. Muitos trabalhos ainda definem as línguas crioulas como simples e inferiores, na tentativa de comparar com um português mal falado, como a língua foco do estudo, o guineense. Segundo Costa (2014, p. 39), “denominam-se crioulos de base (lexical) portuguesa as línguas crioulas que apresentam um léxico majoritariamente originário da língua portuguesa [...]”. Mesmo o português sendo a base lexical de alguns crioulos como o guineense, isso não indica uma descendência direta com a base lexical.

Já a suposta simplicidade das línguas crioulas pode ser entendida como preconceito, levando em análise o seu surgimento. Segundo Pratas (2002), a língua inglesa apresenta uma morfologia “simples”, com somente um morfema de passado e um morfema de terceira pessoa do singular e não recebe a característica de língua simples, subentendendo-se que essa questão de simplicidade não está relacionada somente com as línguas crioulas de um ponto de vista puramente linguístico, mas existe um privilégio em supervalorizar as línguas dominantes. As línguas crioulas apresentam elementos estruturais como qualquer outra língua existente, então é preciso entender os crioulos como língua e que têm os elementos necessários para seus falantes.

Para entendermos mais as línguas crioulas, é preciso um estudo sobre as teorias de surgimento dessas línguas. É extensa a quantidade de crioulos existentes no mundo, o que influenciou muitos estudos sobre o surgimento e o processo de formação das línguas. Somente no século XIX, de acordo com Costa (2014), os estudos sobre os crioulos ganharam um maior interesse dos teóricos, analisando o contexto histórico-social e o processo de surgimento dessas línguas com base nas suas estruturas lexicais.

Ao passo que os estudos estavam sendo ampliados, surgem algumas teorias para explicar a origem das línguas crioulas, segundo Costa (2014), a primeira é a teoria universalista que mais tarde viria compor a teoria do bioprograma, segundo a qual existe uma gramática universal com que nascemos geneticamente programados. Já as teorias superstratistas propõem

que as línguas crioulas surgem a partir das línguas dos colonizadores e as substratistas defendem que os crioulos apresentaram maior influência das línguas de substrato.

Ainda no século XIX, conforme Costa (2014), surgiu o primeiro estudo referente ao guineense, língua falada na Guiné Bissau que compõe o grupo das línguas crioulas de base lexical portuguesa. À proporção que as pesquisas sobre as bases lexicais das línguas estão sendo exploradas, conforme Costa (2014), surge a teoria sociolinguística da variação ressaltando o indivíduo, o processo social de formação da língua, principalmente pela heterogeneidade cultural e linguística de cada país.

Dentre as demais teorias que buscam explicar o surgimento dos crioulos, segundo Costa (2014), com base em estudos prévios, a teoria da monogênese propõe o surgimento de um pidgin único como base para alguns crioulos existentes, e o surgimento das diferentes bases lexicais seria devido à relexificação. No entanto, é preciso salientar que, de acordo com estudos mais atuais, os crioulos não se originam de um pidgin, isso porque não há registros dessa fase de pidgin e, além disso, quando se fala em origem de uma língua, não há embasamento para defender essa mudança abrupta de pidgin para crioulo. Isso porque seria uma mudança muito curta em relação à origem de uma língua.

Para compreendermos as línguas faladas que apresentam uma base lexical portuguesa, como citado acima e na tentativa de exemplificar, de acordo com Costa (2014), os crioulos de base lexical portuguesa podem ser classificados pela localização geográfica. Os crioulos que apresentam uma base lexical portuguesa são: crioulos da Alta Guiné, crioulos do Golfo da Guiné, crioulos Indo-portugueses, crioulos Malaios-portugueses e crioulos Sino-portugueses. Constituem os crioulos da Alta Guiné o caboverdiano falado em Cabo Verde e na diáspora com as variedades de Sotavento (Santiago, Fogo, Maia, Brava) e Barlavento (São Vicente, São Nicolau, Sal, Boa Vista e Santo Antão), papiamentu (língua de base mista – português e espanhol – falada nas ilhas caribenhas de Aruba, Bonaire, Curaçao, Saba, Santo Eustáquio e São Martinho e também na Holanda) e o guineense falado na Guiné Bissau e Casamansa. Sendo essa última a língua de estudo do presente trabalho, analisaremos separadamente dos outros de base lexical portuguesa.

### **2.3.1 Teorias de surgimento do guineense**

De acordo com Costa (2014), existem quatro teorias que tentam explicar a origem do guineense. Na primeira teoria, o guineense teria se formado em Cabo Verde, em seguida teria sido levado para Guiné Bissau. Conforme Rougé (1986), um dos percussores dessa hipótese foi

A. Carreira, que propõe que a diversidade linguística existente entre os africanos era obstáculo para comunicação entre eles e principalmente entre os colonizadores. Além disso, o autor argumenta que o crioulo teria surgido em Cabo Verde e levado, como denomina o autor, por “mulatos e pretos-forras” para constituir uma comunicação entre a população “não aculturada” para fins comerciais, chegando pelos portos fluviais da Guiné.

Com relação à teoria, é necessário fazer algumas argumentações. A primeira está na relação entre o português e as línguas étnicas. Quando uma língua apresenta um léxico de outra língua, ela não se torna descendente direta da língua constituinte, no caso da Guiné Bissau o português. Outro fator é que o guineense surgiu de um ambiente multilinguístico, desse modo, as línguas étnicas influenciaram na construção de elementos para formar o guineense. Além disso, não podemos comparar duas línguas afirmando que faltam elementos que se apresentam na outra, temos uma construção social para cada língua se apresentar a partir de suas características próprias. Rougé (1986) descreve que A. Carreira apresenta uma argumentação errônea quando relata que a multiplicidade das línguas étnicas impedia a comunicação, ou seja, que existia uma barreira para realizar a comunicação entre os povos. Rougé (1986) apresenta a seguinte resposta:

[...] na altura da chegada dos portugueses os diferentes povos tinham relações comerciais, guerreiras, e mesmo, de vassalagem, o que supõe que o problema da comunicação já estava resolvido (talvez com o multilinguismo). Os africanos não precisaram nunca dos brancos e das línguas deles para poderem comunicar-se entre si. (ROUGÉ, 1986, p. 33).

Dessa forma, podemos dizer que sempre existiu uma comunicação entre as diferentes culturas existentes, não necessitando da língua do colonizador. Outro ponto a ser considerado contra a hipótese é que, ainda que Guiné Bissau tenha se unificado administrativamente a Cabo Verde, não há registros que comprovem a passagem dessa língua e, além disso, muitos registros foram perdidos.

A segunda teoria propõe que o guineense surgiu a partir do contato entre portugueses e africanos na Guiné Bissau e depois teria sido levado para Cabo Verde. É provável que a argumentação para essas duas teorias esteja relacionada à semelhança existente entre o guineense e caboverdiano. Como citado acima, não existem registros que comprovem essa passagem de formação da língua e sabemos que muitos registros foram perdidos, impedindo assim uma confirmação dessa formação.

A terceira teoria, proposta por Naro, argumenta que o guineense teria surgido a partir de um pidgin português criado na Europa e então levado para África. Conforme Rougé (1896),

D. Henrique na tentativa de comunicação teria capturado africanos para serem transformados em intérpretes de línguas. De acordo com Rougé (1986), essa hipótese sustentada por Naro foi retirada das passagens da “Crónica da Guiné” de Azurara, que apresentava ideias estereotipadas das formas de falar dos africanos e do processo de surgimento das línguas crioulas. Além disso, Naro afirma que o primeiro contato linguístico entre europeus e africanos foi realizado em língua portuguesa na Europa quando os cativos chegaram em Portugal. Outro ponto é que a linguagem de reconhecimento teria nascido em Portugal e sido transferida para África pelos lançados.

É preciso salientar algumas argumentações na teoria de Naro. A primeira diz respeito a considerar o surgimento dos crioulos a partir de um pidgin, o autor propõe que tenha existido um poema escrito em pidgin em 1445. Podemos refutar a teoria de Naro de acordo com a argumentação de que o guineense surgiu a partir de contextos históricos e sociais, desse modo, não podemos considerar a hipótese que os crioulos se originam de um pidgin, isso porque não se tem registros de quando a língua era um pidgin e em qual momento ela passa ao estado de línguas crioulas. Além disso, nos seus escritos, Naro não apresenta uma fundamentação que condiz com essa passagem. Assim, defendemos que o guineense não surgiu de um pidgin português, nem poderia ser uma língua criada na Europa. Consideramos o surgimento do guineense em um ambiente multilinguístico em território africano, não tendo surgido na Europa. Outro ponto tratado pelo autor está relacionado aos lançados como o desencadeador da língua para os africanos: não necessariamente os lançados tiveram esse poder total de disseminar uma língua, mas dentre a heterogeneidade linguística naquele território, a língua falada pelos lançados se tornou parte dessa diversidade, visto que o autor os relata como traficantes que viveram na África.

Ainda seguindo essa concepção de refutação, Rougé (1986, p.30) apresenta a seguinte argumentação: “Como compreender que os africanos levados para Portugal para serem formados como intérpretes não aprenderam o português, enquanto certas indicações mostram que, menos de um século depois, africanos falavam correctamente essa língua?”. Quando colocamos várias pessoas em um território em que não se fala a sua língua, o mais usual é a aprendizagem da língua que circula no ambiente, principalmente porque existia uma necessidade de comunicação. É válido o questionamento apontado por Rougé (1986) já que a língua portuguesa era a mais difundida no comércio de escravos na época, dominar o português traria prestígio para quem falasse, além da comunicação.

A quarta teoria, proposta por Rougé, justifica que não é de interesse científico determinar o local de surgimento do guineense, mas compreender que tanto o caboverdiano

como o guineense apresentam um protocrioulo em comum. Desse modo, o autor propõe que o guineense seja originário de um pidgin a partir da língua franca portuguesa: de acordo com Rougé (1986), nos séculos XVII e XVIII, existia uma língua franca portuguesa falada na Costa da África e na Ásia, além disso, defende que essa língua franca portuguesa provavelmente tenha dado origem ao protocrioulo da Guiné Bissau e de Cabo Verde. É necessário argumentar acerca dessa teoria, primeiro o autor desenvolve o significado de protocrioulo como competências linguísticas que os africanos acreditam que sejam língua portuguesa, na verdade podemos configurar protocrioulo como a língua mãe de algumas línguas crioulas, ou seja, a partir de um protocrioulo surgiram línguas crioulas aparentadas. As diferenças entre grupos linguísticos implicam protocrioulos diferentes, por exemplo: o protocrioulo dos crioulos portugueses do Golfo da Guiné não é o mesmo da Alta Guiné. Outro fator é o guineense se originar de um pidgin da língua franca portuguesa, não há registros que comprovem que o protocrioulo provém de um pidgin de uma língua franca portuguesa, principalmente pela construção histórica e social da língua, além de não haver registros de que existiu um pidgin e de que em algum momento houve uma transformação e as línguas crioulas surgiram.

Todas as teorias sobre a origem do guineense sozinhas se tornam insuficientes para explicar o seu surgimento. As teorias apresentam relevâncias na tentativa de explicar a origem do guineense, exceto a hipótese proposta por Naro. O guineense assim como o caboverdiano foram formados em ambientes multilinguísticos e a relação de contato favoreceu as suas semelhanças. As línguas estão ligadas devido à unificação administrativa, mas não poderemos indicar o surgimento em um local e a transferência para o outro devido ao foco estabelecido nesse trabalho, sendo esse um possível tópico para estudos futuros.

## 2.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Nesse capítulo, abordamos alguns aspectos da Guiné Bissau e do guineense. Na seção 2.1 tratamos do contexto socio-histórico da Guiné Bissau, como também do processo de colonização desse país. Em seguida, na seção 2.2, descrevemos a situação linguística da Guiné Bissau, tendo o português como língua oficial, o guineense como língua nacional e as línguas autóctones, apresentando a quantidade de falantes de cada língua, como também caracterizamos o guineense de acordo com as variações decorrentes da língua, ressaltando também a questão que envolve o ensino. Na seção 2.3, conceituamos línguas crioulas a partir da configuração de um ambiente multilinguístico, como destacamos alguns crioulos que apresentam base lexical portuguesa. Por fim, na seção 2.3.1, foram argumentadas hipóteses sobre a formação do

guineense, ajudando a compreender como essa língua surgiu e o papel que estabelece na sociedade.

### 3 PROCESSOS FONOLÓGICOS

Nesse capítulo, descreveremos os processos fonológicos analisados e a metodologia utilizada na coleta de dados para esta pesquisa com o objetivo de compreendermos a sua realização, bem como contribuir para análise do guineense que será abordada no capítulo seguinte. Desse modo, na seção 3.1, abordaremos algumas discussões sobre a realização dos processos fonológicos, tanto no guineense quanto na língua portuguesa, devido a poucos escritos que se fazem presentes sobre o guineense. Na subseção 3.1.1, explicaremos a ocorrência da palatalização do /s/. Na subseção 3.1.2, faremos a descrição dos processos de nasalização e nasalidade que se realizam na produção dos sons. Na subseção 3.1.3, descreveremos a realização da velarização do /l/. Na subseção 3.1.4, veremos a variação do /r/. Na seção 3.2, apresentaremos a metodologia utilizada na realização desse estudo. Por fim, na seção 3.3, faremos uma síntese do capítulo.

#### 3.1 DESCRIÇÃO DOS PROCESSOS FONOLÓGICOS

O aparelho fonador é responsável pela produção dos sons por meio da articulação, partindo dessa articulação, configuramos os movimentos para produzir vogais e consoantes para construção das palavras. Em diferentes contextos, encontramos modificações na produção dos sons, ou seja, esses sons podem ser alterados, apresentando características semelhantes aos segmentos próximos tornando-se parecidos ou se diferenciando dos segmentos vizinhos, é possível também retirar ou acrescentar segmentos. Essas modificações realizadas na produção das palavras são denominadas processos fonológicos.

Para realização do presente trabalho, descreveremos a ocorrência de 5 (cinco) processos fonológicos. Como ainda existem poucos estudos que se debruçam sobre o guineense, utilizamos muitas vezes a análise do português brasileiro, fundamentada por Cristóvão Silva (2010), Hora ([20--]), Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2017). A análise feita sobre o guineense no presente trabalho tem como base Costa (2014).

O objetivo não é apresentar uma comparação entre as línguas, porque não consideramos que haja uma ligação direta entre o português e o guineense, apesar de aquela se constituir como base lexical desta, assim buscamos demonstrar as possíveis realizações dos processos fonológicos descritos, mencionando aspectos encontrados nas duas línguas. Desse modo, realizaremos uma análise e descrição dos processos fonológicos, conforme o seguinte esquema:

- Palatalização do /s/
- Nasalização e Nasalidade
- Velarização do /l/
- Variação do /r/

### 3.1.1 Palatalização do /s/

Na consoante [s], os articuladores têm pouco espaço para passagem de ar produzindo fricção ou atrito na produção, conforme Cristófaró Silva (2010), os articuladores não causam obstrução total na passagem do ar, deixando um pequeno espaço para passagem do ar entre os articuladores, o que produz as chamadas consoantes fricativas. O mesmo modo de articulação acontece com a consoante fricativa [ʃ]. O processo de palatalização realiza-se devido à posição dos articuladores, a consoante [s] deixa de ser realizada como dental ou alveolar e modifica-se para a produção alveopalatal, em que a língua move-se (articulador ativo) para o palato duro (articulador passivo).

A ocorrência da palatalização do /s/ no português brasileiro vai depender da variante e do segmento seguinte. De acordo com Macedo (2004), o segmento seguinte [-vozeado] favorece o processo fonológico de palatalização do /s/, como os exemplos retirados do *corpus* do trabalho da autora:

(1) [i'ziʃti] “existe”

(2) [diʃku'bri] “descobri”

Observemos que no exemplo (1), o /s/ diante do segmento surdo /t/ passa a ser realizado como a consoante alveopalatal surda [ʃ], o mesmo acontece no exemplo (2), com o /s/ diante do segmento surdo /k/. A mesma hipótese é apresentada no trabalho de Šmaiclová (2010), em

que as consoantes surdas favorecem mais a realização da palatalização do /s/, realizado pelo fone [ʃ], do que as consoantes sonoras.

Outra hipótese proposta por Macedo (2004) é que a posição silábica de coda medial propicia uma maior realização do processo de palatalização do /s/. A mesma hipótese é defendida por Lima & Scherre (2018), argumentando que a posição de coda medial facilita a ocorrência do processo fonológico, isso porque é muito raro ocorrer uma pausa na produção natural da fala na posição de coda silábica medial, como podemos ver no exemplo retirado do trabalho das autoras:

(3) [juʃtɐ'mɛ̃tʃi] “justamente”

De acordo com Hora ([20--]), há uma maior probabilidade da palatalização das sibilantes se o segmento seguinte for uma oclusiva dental [t, d], como nos exemplos retirados do autor: **le[ʃ].te** “leste”, **ca[s].ca** “casca”. Já em posição final de palavra, o autor argumenta que a preferência é sempre pelas fricativas desvozeadas [s, ʃ]. Observemos o exemplo do autor: **lá.pi[s]** ~ **lá.pi[ʃ]**.

No guineense, de acordo com Costa (2014), o processo fonológico de palatalização do /s/ acontece em decorrência da influência do português. Como já apresentado acima, ainda que essa língua apresente um léxico português, isso não significa que todos os processos estão diretamente ligados ou serão analisados em comparação com o português. Esse processo, segundo a autora, pode acontecer em coda silábica, medial ou final de palavra, diante de uma pausa ou segmento surdo, conforme a regra fonológica e os exemplos no guineense retirados do texto de Costa (2014):

$$/s/ \rightarrow [ʃ] / \_ \left\{ \begin{array}{l} \# \\ - \text{Vozeados} \end{array} \right\}$$

(4) [ˈgaʃtɐ] ~ [ˈgastɐ] - /gasta/ “gastar”

Podemos observar no exemplo (4) a palatalização do /s/ em posição de coda medial, no entanto, em posição de coda final, a autora menciona, somente, que pode ter a ocorrência, mas

não apresenta exemplos nos dados do seu trabalho. Na transcrição fonética (4), o /s/ diante do segmento surdo /k/foi realizado como o fone [ʃ]. Quando o segmento seguinte é sonoro, o /s/ é realizado como o fone [ʒ], conforme a regra fonológica e os exemplos da autora:

/s/ → [ʒ] / \_\_ [+ vozeados]

(5) [ʰomizga'rãndi] ~ [omisga'rãndi] - **omis garandi** “homens altos”

Como observado no exemplo (5), o fonema /s/ está seguido por uma consoante sonora /g/, sendo realizado pelo fone [ʒ]. O fonema /s/ pode se realizar como [z] em posição de coda silábica quando a palavra seguinte for iniciada com vogal, no caso do exemplo (6) diante da vogal /ɛ/. Observemos a regra fonológica e os exemplos apresentados por Costa (2014):

/s/ → [z] / \_\_ [+ vocóide]

(6) [ʰelizɛ'tʃigadibi'las] ~ [ʰelisɛ'tʃigadibi'las] - /elis ɛ tʃiga di bias/ “eles chegaram de viagem”

Em posição de onset complexo, Costa (2014) apresenta dados no *corpus* do trabalho, no entanto, a autora considera uma estrutura silábica diferente: para ela, em palavras como [ʃkɔle] ~ [skɔle], haveria três sílabas, com o /s/ ocupando a posição de coda medial. O presente trabalho, no capítulo 4, fará uma análise da palatalização do /s/ em posição de onset complexo para observarmos se nessa posição há ocorrência do processo fonológico, pois consideramos que em palavras como nos exemplos (7 e 8), temos a realização de onset complexo, diferente de Costa (2014). Observemos alguns dados retirados da autora:

(7) [ʃtude] ~ [stude] - /studa/ “estudar”

(8) [ʃta] ~ [sta] - /sta/ “estar”

### 3.1.2 Nasalização e Nasalidade

Sabemos que para produzir sons nasais, o véu do palato deve estar abaixado, assim parte da corrente de ar passa pela cavidade nasal. Muitos autores não estabelecem distinção entre o que seria nasalização e o que seria nasalidade, dois termos que apresentam semelhanças no modo de articulação, no entanto trata-se de processos diferentes. Temos a nasalização como forma obrigatória na palavra, obrigatória no sentido de opor significado nas palavras. Vejamos os exemplos retirados de Cristófarro Silva (2010):

- (9) [mito] “mito” *versus* [mĩto] “minto”  
 (10) [ka'deje] “cadeia” *versus* [kẽ'deje] “candeia”  
 (11) [la] “lá” *versus* [lã] “lã”

De acordo com Cristófarro Silva (2010), as consoantes [m, n] marcam a nasalização da vogal anterior, não uma articulação dessa consoante, por esse motivo temos nos exemplos (9) a (11) uma oposição de significado entre a vogal oral e a vogal nasal, como também essa consoante não é pronunciada na maioria das variantes do português brasileiro.

No guineense, conforme Costa (2014), ocorre um processo de assimilação quando a consoante nasal pós-vocálica em posição de coda se assimila à consoante seguinte quanto ao ponto de articulação. Desse modo, ao analisarmos o *corpus* da autora, verificamos que o arquifonema /N/ se realiza como as consoantes nasais [m, n, ɲ, ŋ]. Quando esse arquifonema se realiza como a consoante nasal [m], é seguido das consoantes bilabiais [b, p], como no exemplo apresentado: [kampu] - /kaNpu/ “campo”. Nesse exemplo, a consoante nasal sonora [m] não sonoriza a consoante seguinte, e é possível verificar que essa consoante [m] é mesmo pronunciada no guineense. Quando o arquifonema se realiza como [n], é seguido das consoantes alveolares [t, d, z, r], como no exemplo da autora: [ponte] - /poNta/ “fazenda”. No caso da consoante [ɲ], temos a realização seguinte do segmento palatal [tʃ, dʒ], como no exemplo: [dʒũɲ'dʒũɲ] - /dʒuNdʒuN/ “jejum”, [sãɲtʃu] - /saNtʃu/ “macaco”. Já quando se tem a consoante [ŋ], os segmentos seguintes são as consoantes velares /k, g/: como exemplificado: [branku] - /braNku/ “branco”.

As vogais na posição de precedentes do arquifonema nasal /N/ têm a realização opcional do traço nasal, isso resulta foneticamente na combinação da vogal nasal com a consoante nasal

ou somente a consoante nasal (precedida pela vogal oral), de acordo com o exemplo de Costa (2014): [mãŋ'kare] ~ [maŋ'kare] - /maNkara/ “amendoim”. Já quando o arquifonema está em posição final absoluta, a vogal anterior tende a nasalizar, como no exemplo a seguir: ['bõŋ] - /boN/ “bom”.

Já o processo fonológico de nasalidade pode ocorrer devido à presença de uma consoante nasal na posição de onset da sílaba seguinte, sendo a nasalidade da vogal que antecede a consoante opcional, dependendo da variante do falante. Com relação ao português brasileiro, alguns autores afirmam que a nasalidade na sílaba pré-tônica é opcional podendo o falante nasalizar ou não a vogal. Se essa vogal que antecede a consoante nasal estiver na sílaba tônica, a pronúncia será nasal, no entanto, existe em algumas variedades do português brasileiro uma não nasalidade dessa vogal, assim sendo, pode-se dizer que existe uma maior probabilidade de essa vogal nasalizar, mas não sua obrigatoriedade. De acordo com Cristóforo Silva (2010), a consoante palatal ocupa a posição intervocálica e a vogal que antecede esse segmento em geral apresenta nasalidade. Vejamos alguns exemplos do português brasileiro retirados da autora:

- (i) Sílaba Tônica
- (12) [kãme] ~ [kame] “cama”
- (13) [fĩnu] ~ [finu] “fino”
- (ii) Pretônica
- (14) [zã'nele] ~ [za'nele] “janela”
- (15) [kã'made] ~ [ka'made] “camada”
- (iii) Consoante Nasal Palatal
- (16) ['bõŋe] “banha”

Com relação ao guineense, apesar de não discutir especificamente a nasalidade, Costa (2014) apresenta dados no *corpus* do seu trabalho que nos permitem identificar a ocorrência (ou não) desse processo. Podemos observar pelas transcrições fonéticas realizadas pela autora que não existe uma nasalidade dessa vogal que antecede a sílaba iniciada pela consoante nasal, como podemos verificar nos exemplos:

- (17) [kamẽ] - /kama/ “cama”
- (18) [kanɐ̃] - /kana/ “cana, bambu”
- (19) [liɲɐ̃] - /liɲa/ “linha”
- (20) [ku'mɐ̃] - /kumɐ̃/ “comer”

Nas ocorrências de (17) a (20), a sílaba é tônica possibilitando uma análise de que no guineense não nasaliza a vogal mesmo quando essa sílaba é tônica, no exemplo (20) temos a sílaba pré-tônica não sendo nasalizada. Como observado, no exemplo (19) não há uma nasalidade na vogal que antecede a consoante nasal palatal. No *corpus* do presente trabalho, iremos observar o processo fonológico e verificar se há alguma ocorrência.

### 3.1.3 Velarização do /l/

Conforme Cristóforo Silva (2010), na produção da consoante lateral [l], ocorre uma obstrução na parte central (meio) no trato vocal e a passagem de ar é realizada pelas aberturas de ambos os lados, quando essa consoante é velarizada, temos um levantamento da língua (parte de trás) em direção ao véu palatino. Esse processo fonológico é chamado de velarização do /l/ e é representado pelo seguinte fone [ɭ] podendo ser realizado em final de palavra e em posição de coda medial em algumas línguas, como também em determinadas variantes do português brasileiro, geralmente no sul do Brasil. Predomina na maioria das variantes do português brasileiro a vocalização do /l/, sendo representado pela consoante labiovelar [w] em posição de coda silábica. Em posição de onset simples e como segundo elemento de onset complexo, a consoante continua sendo produzida como lateral [l], vejamos os exemplos retirados de Cristóforo Silva (2010):

- (21) [saɭ] ~ [saw] “sal”
- (22) [saɭte] ~ [sawte] “salta”
- (23) [late] “lata”
- (24) [plake] “placa”

Segundo Hora ([20--]), a vocalização do /l/ pode causar confusão no registro das palavras, assim para atestar fonologicamente a existência da consoante e não da vogal /u/, podemos utilizar a derivação das palavras, como nos exemplos retirados do texto do autor:

(25) Jornal - Jornaleiro - \*Jornaueiro

(26) Papel - Papelaria - \*Papeuaria

No guineense, o processo de velarização do /l/ é analisado de acordo com a posição que a consoante ocupa na palavra, temos a realização categórica de [ɫ] diante de consoante no final da sílaba e em final de palavra (ou seja, em posição de coda medial ou absoluta), ocorrendo a velarização, de acordo com a seguinte regra fonológica:

$$/l/ \rightarrow [ɫ] / \_ \left\{ \begin{array}{c} C \\ \# \end{array} \right.$$

(27) [maɫ] - /mal/ “mal”

(28) [kaɫdu] - /kaldu/ “caldo”

### 3.1.4 Variação do /r/

Conforme Cristóvão Silva (2010), no português brasileiro temos dois fonemas ‘erres’: o r-fraco (/r/) representado pela vibrante simples [r] que é caracterizado por apenas uma elevação da ponta da língua nos alvéolos, como no exemplo retirado da autora: [ka'retɐ] “careta”, sendo o r-forte (/r/) representado por vários alofones: [h, ñ, x, ʝ, r], como em [ka'hɛtɐ] ~ [ka'fietɐ] ~ [ka'xetɐ] ~ [ka'ʝetɐ] ~ [ka'retɐ] “carreta”. Em relação ao r-forte, Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2017) argumentam que é representado pela vibrante múltipla /r/, que é caracterizada pela elevação da língua várias vezes no dente.

Em posição inicial e intervocálica, temos diversos fones que representam o fonema /r/: consoante fricativa glotal surda /h/, consoante fricativa glotal sonora /ɦ/, consoante fricativa velar surda /x/, consoante fricativa velar sonora /ɣ/, consoante tepe /ɾ/, consoante aproximante retroflexa /ɻ/, e a consoante trill/vibrante múltipla /r/. Essa variação pode ser vista no seguinte exemplo retirado de Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2017):

(29) [ˈkarɔ] ~ [ˈkaxɔ] ~ [ˈkahu] “carro”

De acordo com Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2017), o arquifonema representa a neutralização de um ou mais fonemas, ou seja, esses fonemas perdem a distinção entre si. Em posição de coda, em português, temos uma perda da oposição entre o r-fraco e o r-forte na representação do arquifonema /R/, esse arquifonema no português brasileiro tem os seguintes fones em posição de final de sílaba: [h, ñ, x, ɣ, r, ʁ], como se observa na palavra [ˈmah] ~ [ˈmañ] ~ [ˈmax] ~ [ˈmaɣ] ~ [ˈmar] ~ [ˈmaʁ] “mar”.

Conforme Costa (2014), no guineense é considerada a existência de um /r/ fonológico, esse /r/ pode ser realizado como a vibrante múltipla [r] ou a vibrante simples/tepe [ɾ]. A autora não argumenta muito sobre a realização do /r/ no guineense, traz somente essa pequena explicação e alguns exemplos que foram observados em outras análises realizadas. Vejamos alguns exemplos retirados do texto de Costa (2014):

(30) [maˈdeɾɐ] - /madera/ “madeira”

(31) [ˈkuro] - /kuro/ “couro”

(32) [ˈarvɔɾi] - /arvori/ “árvore”

(33) [veɾˈduɾɐ] - /verdura/ “verdura”

(34) [ˈraɲɐ] - /raja/ “arranhar”

A consoante tepe/vibrante simples [ɾ] ocupa tanto a posição de onset quanto de coda medial, como nos exemplos (30) e (33), já a vibrante múltipla [r] ocupa a posição de coda medial e onset inicial e medial, como nos exemplos (31), (34) e (32), respectivamente. Ao passo que analisaremos a realização do /r/, verificamos se essas ocorrências permanecem ou esse /r/ fonológico pode ser realizado por mais fones.

### 3.2 METODOLOGIA

Para descrição e análise dos processos fonológicos no presente trabalho, foram realizadas gravações de áudio com 6 (seis) estudantes guineenses da UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira), *campus* dos Malês (São Francisco do Conde – BA). Dentre os critérios estabelecidos, tivemos 3 (três) estudantes que tinham

acabado de chegar ao Brasil, sendo 2 (dois) do sexo masculino e 1 (uma) do sexo feminino, 2 (dois) estudantes (uma do sexo feminino e outro do sexo masculino) que chegaram em janeiro de 2018 na Universidade e somente 1 (um) do sexo masculino que chegou em maio de 2014. Na pesquisa houve mais informantes do sexo masculino, porque durante a procura de informantes tivemos a maior disponibilidade de homens, que se mostraram mais dispostos para fornecer informações, assim no final tivemos mais acesso a homens do que a mulheres. Na gravação, utilizamos 69 frases com palavras que incluíssem os processos fonológicos estabelecidos para o estudo e analisamos a realização do fone em diferentes posições da sílaba, como: coda silábica no meio e final das palavras e onset no início e meio das palavras. Essas palavras foram colocadas em frases para que o informante não desse uma entonação de lista de palavras e pudesse pronunciar a palavra num contexto real de uso. Outro método utilizado foi a colocação das frases em ordem aleatória, ou seja, não houve um agrupamento desses processos fonológicos para evitar qualquer possibilidade de o informante perceber um padrão nas sentenças e o foco de nosso estudo. No momento das gravações, as frases eram ditas na língua portuguesa e os informantes passaram para o guineense.

As entrevistas foram realizadas nos dias 13/09, 18/09 e 26/10 de 2019, e, para conhecermos melhor cada informante, realizamos um questionário sociocultural antes das entrevistas, com as seguintes informações: nome, idade, primeira língua, região em que vivia na Guiné Bissau, línguas faladas, grupo étnico, língua desse grupo, lugar e ano em que aprendeu o português, língua de maior afinidade para comunicação, língua mais utilizada, línguas que está aprendendo e língua que entende, mas não fala. Inicialmente era explicado que estávamos realizando as gravações tendo como objetivo a construção de um trabalho de conclusão de curso e o estudo do guineense, mas não entrando em detalhes sobre os processos que seriam analisados, a conversa foi para deixar o informante mais confortável sobre o fornecimento de dados e a gravação desses dados. Assim, os 6 (seis) estudantes assinaram um termo de consentimento, dando permissão para utilização dos dados coletados para análise. Em relação ao questionário sociocultural, observemos as informações de cada informante da pesquisa:

**Quadro 1 - Questionário Sociocultural**

Entrevistados (as)						
Identificação	1	2	3	4	5	6
Sexo	Masculino	Feminino	Masculino	Masculino	Feminino	Masculino
Idade	27 anos	23 anos	21 anos	24 anos	23 anos	32 anos
Primeira língua	Fula	Guineense	Guineense	Guineense	Guineense	Balanta
Região em que vivia em Bissau	Bafatá	Cacheu	Biombo	Setor Autônomo (Bissau)	Bissau	Leste do país
Outras línguas faladas	Fula, guineense, português, francês, inglês e espanhol	Guineense, manjaco e português	Papel, balanta, guineense e português	Mandinga, guineense e português	Guineense, português e francês	Balanta, guineense, português, inglês francês e espanhol
Grupo étnico	Fula	Balanta	Balanta	Mandinga	Balanta	Balanta
Fala a língua do grupo	Sim	Não	Sim. Um pouco	Sim	Não	Sim
Lugar em que aprendeu português	Na escola	Na escola	Na escola	Na escola	Em casa e na escola	Na escola
Ano em que aprendeu português	1999	2007	2011	2006	O pai falava português em casa e na escola	1994
Afinidade para comunicação	Guineense e Fula	Guineense e português	Guineense	Guineense	Guineense	Guineense
Língua mais utilizada	Guineense	Guineense	Guineense	Guineense	Guineense	Guineense
Aprendendo alguma língua	Sim, aperfeiçoar	Não	Inglês	Inglês	Não	Mandarim
Língua que entende, mas não fala	Wolof, mandinga	Sim, manjaco	Sim. Inglês	Sim. Inglês	Não	Fula

Dentre os 6 (seis) informantes, 4 (quatro) têm a língua guineense como materna, ou seja, primeira língua, sendo que os informantes 3 e 4 falam também a língua do grupo étnico. Os informantes 1 e 6 têm como primeira língua o Fula e Balanta, respectivamente. Ao realizarmos a análise do guineense, tomaremos o questionário sociocultural como base.

As palavras utilizadas na coleta de dados foram retiradas de um dicionário do -guineense (SCANTAMBURLO, 2002), no entanto, no momento das entrevistas muitas palavras não foram utilizadas devido ao processo de variação, como, por exemplo, para se referir a “buraco”, retiramos do dicionário **rumbu** e no momento das entrevistas os informantes falaram **koba** e **buraku**. Outro caso em que as palavras não foram usadas diz respeito a quando alguns informantes citaram que as línguas faladas naquele ambiente influenciam o guineense, por

exemplo, para se referir a “almoçar”, retiramos do dicionário a palavra **almoçar**, contudo, um dos informantes disse que essa palavra é pouco utilizada em Guiné Bissau, e que muitos usam devido à comunicação na língua portuguesa. Infelizmente, as palavras referentes a “caneca, canhão e dinheiro” (**kaneka**, **kanhon** e **dinheru**) foram realizadas somente com os dois últimos informantes, devido a questões relacionadas à realização das entrevistas: com os primeiros informantes não foi possível gravar esses vocábulos. Entre as palavras utilizadas durante a entrevista, consideramos os seguintes processos fonológicos: palatalização do /s/; nasalização e nasalidade; velarização do /l/; variação do /r/.

Observemos as palavras utilizadas na coleta de dados para construção do *corpus* analisado:

**Quadro 2** - Processo fonológico de palatalização do /s/

Posição de Coda (Final)	Posição de Coda (Medial)	Posição de Onset
<b>Lap<u>is</u></b> (lápiz)	<b>F<u>e</u>sta</b> (festa)	<b><u>S</u>kola</b> (escola)
<b>Tri<u>s</u></b> (três)	<b>P<u>i</u>skus</b> (pescoço)	<b><u>S</u>forsa</b> (esforçar)
<b>Eli<u>s</u></b> (eles)	<b>Go<u>s</u>ta</b> (gosta)	<b><u>S</u>kada</b> (escada)
<b>Pi<u>s</u></b> (peixe)	<b>K<u>a</u>ska</b> (casca)	<b><u>S</u>kama</b> (escama)
		<b><u>S</u>koba</b> (escova)
		<b><u>S</u>petakulu</b> (espetáculo)
		<b><u>S</u>poza</b> (esposa)
		<b><u>S</u>tabilidadi</b> (estabilidade)
		<b><u>S</u>tadiu</b> (estádio)

**Quadro 3** - Processo fonológico de nasalização

<b>B<u>en</u>ditu</b> (abençoada)
<b>B<u>en</u>tu</b> (vento)
<b>M<u>un</u>du</b> (mundo)
<b>L<u>im</u>pesa</b> (limpeza)
<b>P<u>on</u></b> (pão)
<b>K<u>am</u>pu</b> (campo)
<b>K<u>an</u>tadur</b> (cantor)

**Quadro 4** - Processo fonológico de nasalidade

<b>K<u>a</u>ma</b> (cama)
<b>F<u>o</u>mi</b> (fome)
<b>S<u>o</u>nu</b> (sono)
<b>D<u>j</u>ema</b> (gema)
<b>I<u>z</u>ami</b> (exame)
<b>B<u>a</u>nhu</b> (banho)
<b>L<u>i</u>nh<u>a</u></b> (linha)
<b>R<u>a</u>sk<u>u</u>nhu</b> (rascunho)
<b>R<u>e</u>mediu</b> (remédio)
<b>Mat<u>i</u>matika</b> (matemática)
<b>D<u>j</u>anela</b> (janela)
<b>K<u>a</u>neka</b> (caneca)
<b>K<u>a</u>nhon</b> (canhão)
<b>D<u>i</u>nheru</b> (dinheiro)

**Quadro 5** - Processo fonológico de velarização do /l/

<b>Posição de Coda (final)</b>	<b>Posição de Coda (medial)</b>
<b>S<u>o</u>l</b> (sol)	<b>A<u>l</u>mosu</b> (almoçar)
<b>A<u>f</u>inal</b> (afinal)	<b>A<u>l</u>tar</b> (altar)
<b>A<u>m</u>abil</b> (agradável)	<b>B<u>o</u>lsa</b> (bolsa)
<b>K<u>i</u>ntal</b> (quintal)	<b>F<u>i</u>nal<u>m</u>enti</b> (finalmente)

**Quadro 6** - Processo fonológico de variação do /r/ – coda

<b>Posição de Coda (Final)</b>	<b>Posição de Coda (Medial)</b>
<b>kas<u>a</u>du<u>r</u></b> (caçador)	<b>K<u>a</u>r<u>t</u>a</b> (carta)
<b>Val<u>u</u>r</b> (valor)	<b>Part<u>i</u>sipa</b> (participa)
<b>M<u>i</u>ndj<u>e</u>r</b> (mulher)	<b>An<u>i</u>vers<u>a</u>riu</b> (aniversário)
<b>Mar</b> (mar)	<b>A<u>l</u>er<u>d</u>jia</b> (alergia)
<b>B<u>e</u>nti<u>a</u>du<u>r</u></b> (ventilador)	

**Quadro 7** - Processo fonológico de variação do /r/ – onset

<b>Posição de Onset (Inicial)</b>	<b>Posição de Onset (Medial)</b>
<b><u>R</u>ala</b> (rala)	<b>K<u>a</u>ru</b> (carro)
<b><u>R</u>estauranti</b> (restaurante)	<b>Sig<u>a</u>ru</b> (cigarro)
<b><u>R</u>iorganiza</b> (reorganizar)	<b>G<u>u</u>era</b> (guerra)
<b><u>R</u>isibidu</b> (recebido)	<b>K<u>o</u>mem<u>o</u>ras<u>o</u>n</b> (comemoração)
<b><u>R</u>umbu</b> (buraco)	<b>A<u>n</u>ivers<u>a</u>riu</b> (Aniversário)
	<b>K<u>i</u>rid<u>u</u></b> (querido)
	<b>I<u>l</u>iminator<u>i</u>a</b> (eliminatória)

Como é possível observar a partir dos quadros, a escolha das palavras foi feita de acordo com o processo fonológico que seria analisado e a posição em que o fone estava na palavra, como: posição de coda medial e final das palavras e em posição de onset inicial e medial. No processo fonológico de nasalidade, observamos também a consoante que vinha depois (trazendo exemplos de [m, n, ŋ]) e a tonicidade da sílaba (sílabas tônicas e pré-tônicas), como, por exemplo: sílaba tônica “cama, linha, dentre outras”; sílaba pré-tônica “janela, dinheiro, dentre outras”. Todos os dados retirados das entrevistas foram organizados em pastas e posteriormente realizadas transcrições fonéticas da gravação dos 6 (seis) informantes para elaboração do *corpus* do trabalho. No tratamento dos dados, não realizamos uma análise acústica das palavras, sendo um possível objetivo para trabalhos futuros.

Após as transcrições das gravações, avançamos para análise, fundamentando-se em descrições prévias feitas sobre os processos e em autores que já apresentam uma descrição do guineense, como Costa (2014). Partindo desses dados, observamos como os processos fonológicos se realizam na língua e posicionamos nossas considerações que veremos no próximo capítulo do presente estudo.

### 3.3 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Nesse capítulo, explanamos sobre os processos fonológicos escolhidos para a realização do trabalho. Na seção 3.1, descrevemos a ocorrência dos processos fonológicos e detalhamos os processos que seriam vistos durante o capítulo. Na subseção 3.1.1, verificamos a ocorrência do processo de palatalização do /s/. Na subseção 3.1.2, distinguimos os processos de nasalização e nasalidade, como também descrevemos a sua realização. Na subseção 3.1.3,

tratamos da realização do processo de velarização do /l/. Na subseção 3.1.4, apresentamos o processo de variação do /r/ e sua produção nas palavras. Por fim, na seção 3.2, abordamos a metodologia aplicada nesse trabalho, detalhamos o questionário sociocultural e as palavras que utilizamos para construção do *corpus* do trabalho, bem como os métodos empregados para chegarmos aos resultados.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

Nesse capítulo, veremos a análise dos processos fonológicos (palatalização do /s/; nasalização e nasalidade; velarização do /l/; variação do /r/) no guineense. Na seção 4.1, faremos comentários gerais do questionário sociocultural, contendo informações sobre os informantes. Na subseção 4.2, detalharemos a análise dos processos fonológicos separadamente. Assim, na subseção 4.2.1, explicaremos a ocorrência da palatalização do /s/, em posição de onset complexo, coda medial e final. Na subseção 4.2.2, verificaremos o grau de nasalização e nasalidade encontrado nas palavras do guineense. Na subseção 4.2.3, analisaremos a ocorrência do processo fonológico de velarização do /l/, em posição de coda medial e final, visto que em posição de onset não temos a realização do processo fonológico. Na subseção 4.2.4, veremos a variação do /r/ no guineense em posição de onset inicial e medial e de coda medial e final. Por fim, na seção 4.3, faremos uma síntese do capítulo.

### 4.1 ANÁLISE GERAL

Antes da gravação das entrevistas e para conhecer melhor o perfil de cada informante, realizamos um questionário sociocultural (quadro 1 do capítulo 3). Ao analisarmos o questionário, pudemos perceber que 4 (quatro) dos 6 (seis) informantes têm o guineense como primeira língua e os outros 2 (dois) informantes têm uma língua étnica como primeira, sendo, respectivamente, o fula e o balanta. Essa quantidade de falantes do guineense e das línguas étnicas como primeira língua pode estar relacionada à grande disseminação do guineense nos centros urbanos, já os locais mais afastados, como as zonas rurais, possuem as línguas étnicas como primeira língua, utilizando-as para comunicação. Todos os informantes são políglotas, tendo 2 (dois) informantes que falam um total de 6 (seis) línguas, os outros 4 (quatro) informantes falam de 3 (três) a 4 (quatro) línguas. Esses resultados mostram que de fato, como discutido no capítulo 2, na Guiné Bissau, circulam muitas línguas e os falantes apresentam diferentes níveis de proficiência em várias línguas.

Quanto ao domínio da língua do grupo étnico, duas informantes (ambas balantas) afirmaram não falar a língua de seu grupo. Essas informantes viviam anteriormente em Cacheu e em Bissau, grandes centros do país (este inclusive a capital da Guiné), o que pode ser mais um indício de que nas grandes cidades as línguas étnicas têm uma circulação menor do que nas regiões interioranas.

Em relação ao aprendizado da língua portuguesa, que tem o caráter de língua oficial, tivemos 5 (cinco) informantes que vieram aprender a língua portuguesa somente na escola, revelando a dificuldade que muitas crianças têm na aprendizagem da língua, até porque o português é visto somente nas escolas e centros administrativos. Apenas 1 (uma) informante revelou que aprendeu o português em casa com o pai, mas como existe muito preconceito com a língua portuguesa, a língua mais falada por ela era o guineense, apesar de já falar um pouco português e aprender melhor na escola (informação disponibilizada pela informante). A língua mais utilizada por todos(as) os(as) informantes é o guineense, e mesmo para quem não tem o guineense como primeira língua, o guineense é a língua com que os informantes têm mais afinidade para comunicação (um informante apontou que, junto com o guineense, possui afinidade com o português também) e é também a língua mais utilizada. Esses resultados confirmam o quadro sociolinguístico delineado no capítulo 2, que aponta o guineense como a língua da unificação nacional.

Em relação à pergunta sobre a língua que estão aprendendo, os informantes 3 e 4 disponibilizaram a informação que era a língua inglesa, sendo que logo na próxima pergunta sobre língua que entende, mas não fala, os mesmos informantes colocaram a língua inglesa, que possivelmente os informantes já conseguem entender um pouco. Acreditamos que os informantes não compreenderam bem a pergunta, já que o foco era saber se havia alguma língua sobre a qual o informante tenha um conhecimento passivo (entendimento apenas), adquirido não necessariamente por meio de ensino formal. Em ambientes multilíngues, é comum o falante, pelo contato maciço com línguas diversas, passar a entender palavras e/ou expressões básicas numa língua que não sabe falar.

Passando para as entrevistas, durante as gravações, os informantes que tinham acabado de chegar no Brasil possuíam uma maior dificuldade em compreender algumas palavras no português brasileiro, estando esta diretamente relacionada às variações decorrentes da língua. Muitas frases precisaram ser repetidas, até porque os informantes precisavam passar do português para o guineense e isso requer muita paciência, tanto para os informantes quanto para a autora das gravações. Outro ponto a ser mencionado era a timidez dos informantes recém-chegados por ser um espaço novo e por eles não conhecerem muitas pessoas, assim sendo eles estavam mais retraídos. Isso é um dado importante, porque os informantes que haviam chegado há mais tempo no Brasil falavam mais e sempre informavam, por exemplo, se a palavra era realmente utilizada ou se existia outra palavra para designar a mesma coisa.

No que se refere à comparação entre os informantes que já tinham um tempo no Brasil e os que tinham acabado de chegar, não foi observada diferença significativa relacionada aos

processos fonológicos. Pensávamos que os informantes que já estavam aqui poderiam ter alguma mudança, principalmente no processo de nasalidade, visto que em algumas palavras do português brasileiro esse processo é muito realizado e também devido ao contato que existe em sala de aula e na cidade, mas de acordo com as palavras utilizadas, não encontramos mudanças nos dois grupos.

## 4.2 ANÁLISE DOS PROCESSOS FONOLÓGICOS

Realizaremos a análise de 5 (cinco) processos fonológicos que foram divididos em 69 palavras em posição de onset complexo, onset simples inicial e medial e em coda medial e final. Os processos fonológicos (palatalização do /s/, nasalização e nasalidade, velarização do /l/ e variação do /r/) serão descritos e exemplificados nas subseções desse capítulo.

### 4.2.1 Palatalização do /s/

No processo fonológico de palatalização do /s/, foram analisadas 17 (dezesete) palavras, sendo 4 (quatro) em posição de coda final: **lapis** “lápiz”, **tris** “três”, **elis** “eles”, **pis** “peixe”. Em posição de coda medial, tivemos 4 (quatro) palavras: **festa** “festa”, **piskus** “pescoço”, **gosta** “gosta”, **kaska** “casca”. Tivemos, também, 9 (nove) palavras em posição de onset complexo inicial: **skola** “escola”, **sforsa** “esforça”, **skada** “escada”, **skama** “escama”, **skoba** “escova”, **skoba** “escova”, **spetakulu** “espetáculo”, **spoza** “esposa”, **stabilidadi** “estabilidade”, **stadiu** “estádio”.

Em posição de coda final, não tivemos uma ocorrência categórica do processo fonológico, pois na palavra **lapis** “lápiz” houve a palatalização em todos os falantes, exceto 1 (um) informante que pronunciou a consoante fricativa dental [s], por exemplo: [ˈlapɨʃ] ~ [ˈlapis] - **lapis** “lápiz”. Já nas palavras **tris** “três”, **elis** “eles” e **pis** “peixe” não houve a palatalização do /s/, tivemos a realização do [s], vejamos os dados:

(35) [ˈtrejs] - **tris** “três”

(36) [ˈelis] - **elis** “eles”

(37) [ˈpis] - **pis** “peixe”

Nesse contexto, podemos supor que em posição de coda final possam existir palavras que apresentem o processo fonológico e outras não, como também podemos indicar que exista uma certa resistência na ocorrência do processo nessa posição. Essas hipóteses poderiam ser testadas através de estudos com mais palavras e um número maior de informantes, podendo ser observadas em futuros trabalhos. É provável que a utilização do /i/ como contexto segmental antecedente do /s/ possa influenciar uma não palatalização nessas palavras.

Já em posição de coda medial, houve mudança na palavra **piskus** “pescoço”, de acordo com os informantes, existe a expressão **piskus**, mas não é utilizada por muitas pessoas e não conseguimos gravar com nenhum dos informantes. Desse modo, a expressão utilizada para indicar pescoço é **garganti**, e tivemos a seguinte produção: [gar<sup>l</sup>gĩti] ~ [gar<sup>l</sup>gĩte] “garganta”, esse exemplo pode ser utilizado para análise de outro processo fonológico. Nessa posição também não tivemos uma realização categórica na produção da palatalização do /s/, como podemos ver os dados:

- (38) [fɛʃte] - **festa** “festa”
- (39) [gɔstɐ] - **gosta** “gosta”
- (40) [kaʃkɐ] - **kaska** “casca”

Nos dados acima (38) e (40) analisamos a ocorrência da palatalização do /s/ em todos os informantes, já no dado (39) não houve a palatalização em nenhum dos informantes, indicando essa não ocorrência categórica do processo em posição de coda medial, além de não haver variação nos exemplos (38) a (40) em nenhum dos informantes. De acordo com Costa (2014), no guineense esse processo pode ocorrer quando a consoante seguinte for surda, tivemos nos dados (38) e (39) a mesma consoante oclusiva dental surda [t] como segmento seguinte, mas ocorreu a palatalização do /s/ apenas no primeiro contexto. Segundo Hora ([20--]), existe uma maior probabilidade de palatalização das sibilantes se o segmento seguinte for uma oclusiva dental, como vemos nos dados (38) e (39), a consoante [t] é um segmento dental, mas não houve a palatalização da sibilante em (39). Outro ponto importante é o dado (40): o segmento seguinte é uma consoante oclusiva velar e ocorre a palatalização dessa sibilante, demonstrando que essa palatalização irá ocorrer por outros critérios fonéticos e fonológicos, como a vogal que antecede ou a tonicidade da sílaba.

Em posição de onset complexo, em todas as palavras observamos a ocorrência do processo de palatalização do /s/. Vejamos os dados:

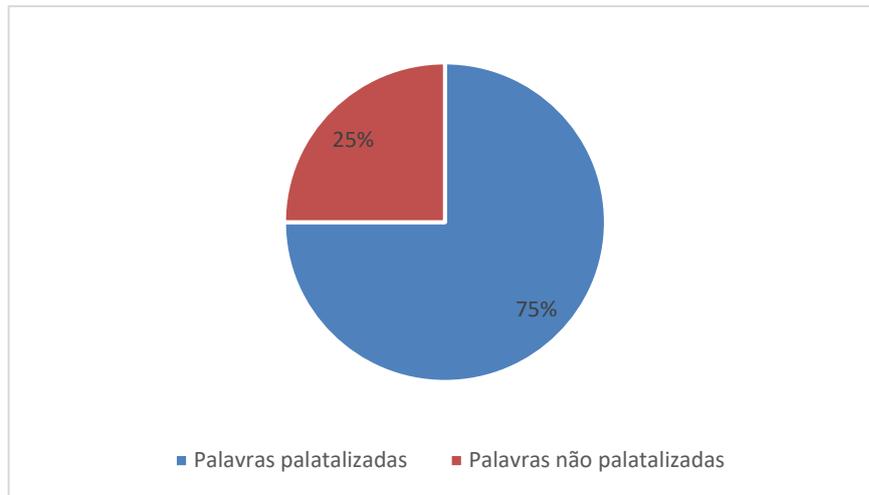
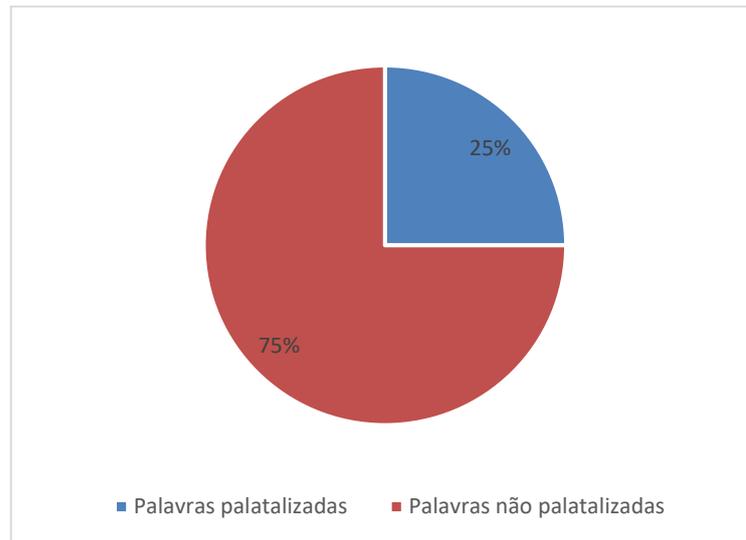
- (41) [ʃkɔlə] - **skola** “escola”
- (42) [ʃpɛ'takulu] - **spetakulu** “espetáculo”
- (43) [ʃkadɐ] - **skada** “escada”
- (44) [ʃkame] - **skama** “escama”
- (45) [ʃkɔva] - **skoba** “escova”
- (46) [ʃtabili'dadı] - **stabilidadi** “estabilidade”
- (47) [ʃfɔrsɐ] - **sforsa** “esforça”
- (48) [ʃtadju] - **stadiu** “estádio”
- (49) [ʃpoʒɐ] - **spoza** “esposa”

Nas palavras referentes a “esposa” e “estádio”, alguns falantes preferiam designar com outros nomes, como: [mĩ'dʒɛ] “esposa” (usada por cinco informantes), [kɔ̃pu] “estádio” (empregada por dois informantes). Como todas as palavras analisadas apresentavam o segmento seguinte [-vozeado] ([p, t, k]), não podemos indicar que esse fator é favorável para a realização do processo fonológico. Estudos futuros com palavras com o segmento seguinte [+vozeado] poderão ajudar a esclarecer esse condicionamento.

Vejamos no gráfico a ocorrência do processo fonológico em posição de onset complexo, coda medial e final:

**Gráfico 1 - Onset Complexo**



**Gráfico 2 - Coda Medial****Gráfico 3 - Coda Final**

#### 4.2.2 Nasalização e Nasalidade

No processo fonológico de nasalização analisamos as palavras: **beditu** “abençoada”, **bentu** “vento”, **mundu** “mundo”, **limpesa** “limpeza”, **pon** “pão”, **kampu** “campo”, **kantadur** “cantor”. Vale ressaltar que não realizamos uma análise acústica nos dados recolhidos desse processo fonológico, podendo tal análise ser realizada em trabalhos futuros. No processo de nasalização observamos a ocorrência da nasalização da vogal que antecede a consoante nasal, a partir da análise auditiva dos dados, acreditamos que seja uma realização menos nasal do que no português brasileiro (interpretação enquanto falante do português), contudo somente a realização de uma análise acústica poderia confirmar se a percepção da nasalização está correta ou não. É sabido que no processo fonológico de nasalização, temos a realização nasal da vogal

obrigatória, no sentido de opor significado quando temos a produção da vogal oral. No caso da palavra **mundu** “mundo” sem a nasalização da vogal, temos a palavra **muđu** “mudo”, o mesmo acontece com a palavra **pon** “pão”, que sem a realização nasal da vogal, faz oposição com a palavra **po** “pó”. Vejamos os dados:

- (50) [bẽ'dzitu] ~ [bẽ'ditu] - **benditu** “abençoada”
- (51) [bẽtu] ~ [vẽtu] - **bentu** “vento”
- (52) [mũđu] - **mundu** “mundo”
- (53) [põŋ] ~ [põ] - **pon** “pão”
- (54) [kẽpu] ~ [kẽmpu] - **kampu** “campo”
- (55) [li'peze] - **limpesa** “limpeza
- (56) [kẽ'tor] - **kantadur** “cantor”

No dado (54), tivemos 1 (um) informante que pronunciou a consoante nasal (característica que ocorreu somente nessa palavra). Do ponto de vista auditivo, a consoante nasal só pôde ser percebida nessa palavra, contudo não foi feita análise acústica, como mencionado acima, sendo possível que tal análise mostrasse uma consoante em outras palavras também. No exemplo (56) tivemos a pronúncia **kantor** para palavra **kantadur**.

Já no processo fonológico de nasalidade, analisamos duas posições, a primeira foi na sílaba tônica com as palavras: **kama** “cama”, **fomi** “fome”, **sonu** “sono”, **djema** “gema”, **izami** “exame”, **banhu** “banho”, **linha** “linha”, **raskunhu** “rascunho”. A segunda engloba a sílaba pré-tônica, em: **remediu** “remédio”, **matimatika** “matemática”, **djanela** “janela”, **kaneka** “caneca”, **kanhon** “canhão”, **dinheru** “dinheiro”.

Tanto na sílaba tônica como na sílaba pré-tônica não houve ocorrência da nasalidade da vogal que antecede a consoante nasal, nesse caso temos a produção da vogal oral e somente a nasalidade da consoante nasal, como podemos observar nos dados da gravação:

- (i) Sílaba tônica
- (57) [kame] - **kama** “cama”
- (58) [lipe] - **linha** “linha”
- (59) [fomi] - **fomi** “fome”
- (60) [sonu] - **sonu** “sono”

- (61) [ʔɛmɐ] - **djema** “gema”  
 (62) [iʔzami] - **izami** “exame”  
 (ii) Sílabas pré-tônicas  
 (63) [mateʔmatikɐ] - **matimatika** “matemática”  
 (64) [zaʔnɛɐ] - **djanela** “janela”  
 (65) [kaʔnɛkɐ] - **kaneka** “caneca”  
 (66) [kaʔnɛw] - **kanhon** “canhão”  
 (67) [diʔnejɾu] - **dinheru** “dinheiro”

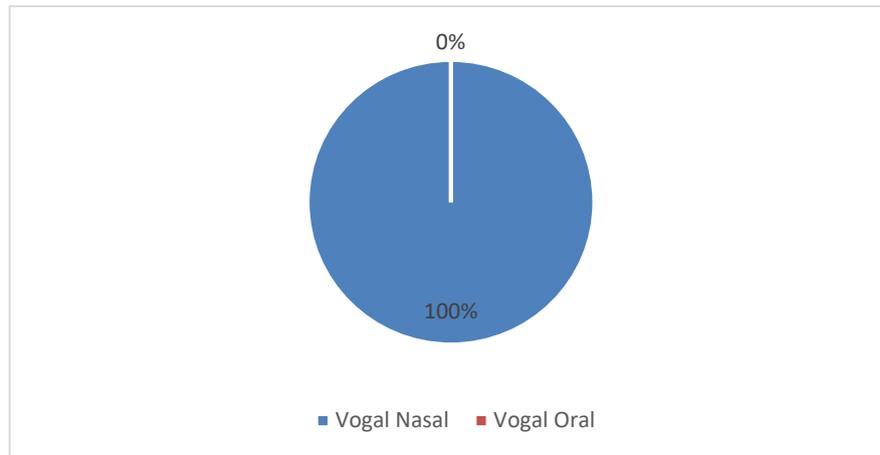
No entanto, houve algumas palavras que tinham a consoante nasal palatal [ɲ], tendo a nasalidade da vogal da sílaba anterior em algumas palavras. Na palavra equivalente a “remédio”, os informantes pronunciaram outra palavra com a nasal palatal: **mesinhu**, como veremos abaixo:

- (68) [rasʔkũɲu] - **raskunhu** “rascunho”  
 (69) [meʔsĩɲu] - **remediu** “remédio”

Observemos que não tivemos a ocorrência da nasalidade da vogal que antecede a consoante nasal palatal no exemplo (67), mas se realizou nos exemplos (68) e (69). Além disso, existe uma variação na palavra para designar “remédio”, os informantes trouxeram a palavra **mesinhu** e somente um informante apresentou a palavra **remediu**, sendo realizada: [reʔmedju]. A palavra **banhu** não foi pronunciada por nenhum dos informantes, que preferiram utilizar a expressão **laba kurpu**.

É provável que a nasalidade possa começar a partir da consoante nasal palatal pelo fato de em algumas línguas, como no caso do português, ela ser ambissilábica, ou seja, ocupar duas sílabas (a coda de uma e o onset da outra), levando obrigatoriamente à realização nasal da vogal. Esse resultado do processo de nasalidade comprova que o guineense é uma língua independente do português, visto que apresenta um comportamento próprio.

Observemos o gráfico da ocorrência do processo de nasalização:

**Gráfico 4** - Processo Fonológico de Nasalização

#### 4.2.3 Velarização do /l/

Para descrição do processo fonológico de velarização do /l/ foram gravadas 8 (oito) palavras em posição de coda medial e final, já que, como sabemos, em posição de onset inicial e medial a consoante se mantém lateral dental [l]. Utilizamos as seguintes palavras em posição de coda final: **sol** “sol”, **afinal** “afinal”, **amabil** “agradável”, **kintal** ‘quintal’; em posição de coda medial, tivemos: **almusu** “almoçar”, **altar** “altar”, **bolsa** “bolsa”, **finalmenti** “finalmente”.

Em posição de coda medial tivemos uma palavra, que, de acordo com os informantes é muito raro de se dizer: **almusu** “almoçar” substituída por [ˈdʒĩtɛ] que corresponde a almoçar. Nem sempre as palavras retiradas do dicionário são reconhecidas pelos falantes como sendo do guineense, algumas dessas palavras podem revelar que o dicionário traz formas mais ‘próximas’ do português, mas também sabemos que nem todas as palavras que aparecem no dicionário são utilizadas pelos falantes de uma língua. As palavras **altar** “altar”, **bolsa** “bolsa” foram velarizadas por todos os informantes, como podemos ver nos dados:

(70) [aɫˠta] - **altar** “altar”

(71) [boɫsɐ] - **bolsa** “bolsa”

Com relação à palavra **finalmenti** “finalmente”, apenas 2 (dois) informantes apresentaram a pronúncia na gravação, 1 (um) informante pronunciou a palavra **final** “final”

com “l” velarizado [afi'naɫ] e os outros 3 (três) informantes não souberam indicar a palavra. Obtivemos a seguinte transcrição do dado, com a pronúncia velarizada nos dois informantes:

(72) [finaɫ'mẽti] - **finalmenti** “finalmente”

Em posição de coda final, todas as palavras foram velarizadas, exceto 1 (um) informante em uma única palavra que apresentou um processo fonológico denominado vocalização do /l/: [afi'naɫ] ~ [afi'naw] “afinal”. Essa palavra pode revelar uma possível influência do português brasileiro, já que o informante mora há mais tempo no Brasil. Observemos o dados com o /l/ velarizado:

(73) [sɔɫ] - **sol** “sol”

(74) [kĩ'taɫ] - **kintal** “quintal”

Com relação à palavra **amabil** “agradável”, 1 (um) dos informantes preferiu pronunciar a palavra [kõfɔɾ'taveɫ] que designa o mesmo significado. Em posição de coda, é quase categórica a ocorrência da velarização do /l/ no guineense. Pode ter ocorrido a mudança de algumas palavras que estavam no dicionário por outras, mas isso indica, como citado acima, que muitas palavras do dicionário não são realmente utilizadas pelo falante.

Vejamos no gráfico a ocorrência do processo de velarização do /l/ em posição de coda medial e final:

**Gráfico 5 - Coda Medial**

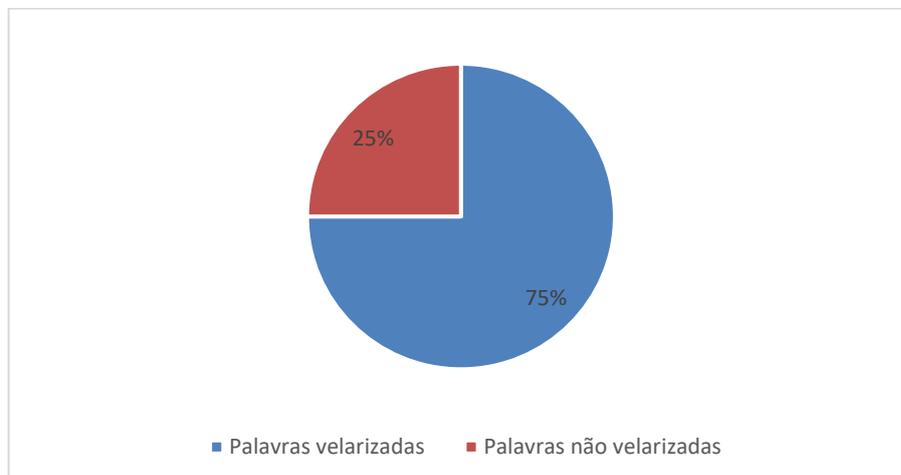
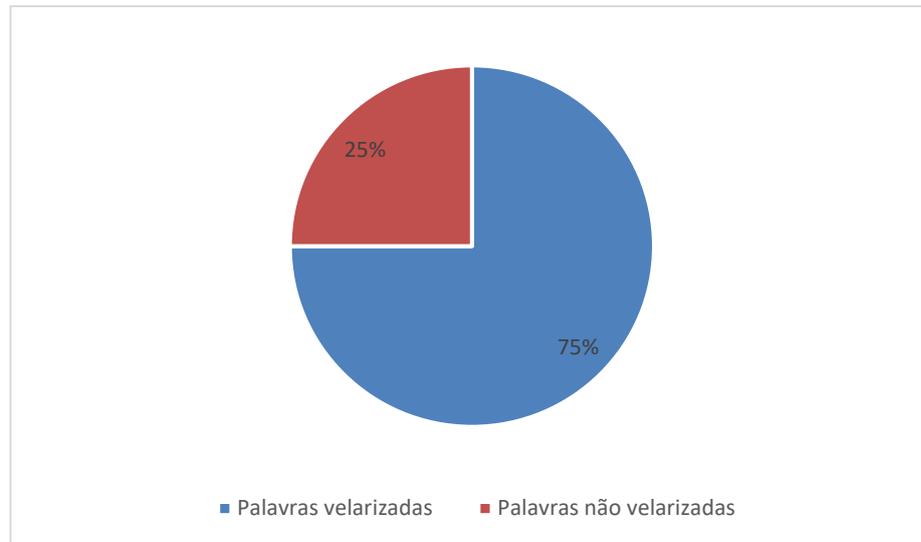


Gráfico 6 - Coda Final



#### 4.2.4 Variação do /r/

Quanto à variação do /r/ no guineense, analisamos 23 (vinte e três) palavras em todas as posições, 5 (cinco) em posição de coda medial, 5 (cinco) em posição de coda final, 5 (cinco) em posição de onset inicial e 8 (oito) em posição de onset medial. Em posição de coda medial, tivemos as palavras: **karta** “carta”, **partisipa** “participa”, **aniversariu** “aniversário”, **alerdjia** “alergia”, **alerta** “alerta”.

Segundo Costa (2014), no guineense é considerada a existência de um /r/ fonológico representado pela vibrante simples/tepe [r] ou vibrante múltipla [r], propomo-nos a analisar essa variação e encontramos outras representações para o /r/ fonológico. Em posição de coda medial, observamos a ocorrência da vibrante simples/tepe [r], e a consoante fricativa velar surda [x] na palavra **alerta** “alerta” em 2 (dois) informantes. Vejamos os dados:

- (75) [ˈkɑrtɛ] - **karta** “carta”
- (76) [pɑrtiˈsɪpɛ] - **partisipa** “participa”
- (77) [ɑniverˈsɑrio] - **aniversariu** “aniversário”
- (78) [ɑlɛrˈzjɑ] - **alerdjia** “alergia”
- (79) [ɑˈlɛrtɛ] ~ [ɑˈlɛxtɛ] - **alerta** “alerta”

Nos exemplos (75) a (79) temos a realização em todos os informantes da vibrante simples/tepe, já no exemplo (79), como observado, tivemos a ocorrência da vibrante simples/tepe e da fricativa velar surda.

Em posição de coda final, analisamos as palavras: **kasadur** “caçador”, **valur** “valor”, **mindjer** “mulher”, **mar** “mar”, **bentiadur** “ventilador”. Tivemos um caso de mudança de palavra, os informantes no momento da gravação afirmaram que a palavra **kasadur** não é muito utilizada, a preferência é pela palavra **matadur** que, no dicionário do guineense (SCANTAMBURLO, 2002), apresenta o significado de “matador ou assassino”. Nessa posição houve apagamento do /r/ nas palavras: **matadur** “caçador” (dois informantes), **mindjer** “mulher” (todos os informantes), mas também observamos a ocorrência da vibrante simples/tepe e da fricativa velar nas palavras: **matadur** “matador” (dois informantes), **mar** “mar” (um informante), como podemos ver:

(80) [mĩ'dʒɛ] - **mindjer** “mulher”

(81) [ˈmar] ~ [ˈmax] - **mar** “mar”

(82) [mata'du] ~ [mãta'dur] ~ [mãta'dux] “caçador”

No exemplo (80), em todos os informantes houve o apagamento do /r/, já no exemplo (81) observamos a ocorrência da vibrante simples/tepe em todos os informantes, com exceção de 1 (um) informante, nesse caso o mesmo informante do exemplo (79) que produziu a palavra **alerta** “alerta” com a fricativa velar surda, podendo ser uma realização característica desse informante. No exemplo (82), houve 3 (três) ocorrências, na primeira, houve um apagamento do /r/ no final da palavra, na segunda, ocorreu a utilização da vibrante simples/tepe e na terceira, observa-se a utilização da fricativa velar surda, indicando que na mesma palavra podemos ter 3 (três) possíveis ocorrências em posição de coda final.

Em posição de onset inicial, analisamos as palavras: **rala** “rala”, **restauranti** “restaurante”, **riorganiza** “reorganizar”, **risibidu** “recebido”, **rumbu** “buraco”. Nesse contexto houve a realização de 3 (três) palavras com a vibrante simples/tepe e apenas 1 (um) informante em uma única palavra usou a vibrante múltipla que pode variar com a vibrante simples/tepe. Vejamos nos dados:

(83) [restaˈr̃ti] - **restauranti** “restaurante”

(84) [risiˈbidu] - **risibidu** “recebido”

(85) [ʀale] ~ [rale] - **rala** “rala”

Como citado no capítulo 3, na seção 3.2, a palavra para designar buraco não foi utilizada porque os informantes trouxeram as palavras **koba** e **buraku**. Não houve ocorrência da palavra **riorganiza** que significa “reorganizar” na gravação de nenhum dos informantes.

Em posição de onset medial, observamos as palavras: **karu** “carro”, **sigaru** “cigarro”, **guera** “guerra”, **komemorason** “comemoração”, **aniversariu** “aniversário”, **kiridu** “querido”, **iliminatoria** “eliminatória”, **arus** “arroz”. Nessa posição todas as ocorrências foram realizadas pela vibrante simples/tepe em todos os informantes, como podemos ver abaixo:

(86) [ʀkaru] - **karu** “carro”

(87) [siʀgaru] - **sigaru** “cigarro”

(88) [ʀgeɾe] - **guera** “guerra”

(89) [komeʀmore] - **komemorason** “comemoração”

(90) [aniverʀsariu] - **aniversariu** “aniversário”

(91) [keʀridu] - **kiridu** “querido”

(92) [eliminaʀɔrje] - **iliminatoria** “eliminatória”

(93) [aʀujs] - **arus** “arroz”

A partir da análise do /r/ em diferentes posições, observamos que a variação da realização /r/ em posição de coda é mais ampla, isso porque essa posição é mais fraca e costuma a ter mais realizações de processos, como o apagamento. Em posição de onset (inicial e medial), a vibrante simples foi a variante preferida, sendo inclusive a forma categórica em posição medial. Poderíamos então argumentar que o fonema do guineense seria a vibrante simples e que poderia se realizar de maneiras diversas na língua, especialmente na posição de coda.

Vejamos no gráfico a ocorrência do /r/ em posição de onset inicial e medial, coda medial e final:

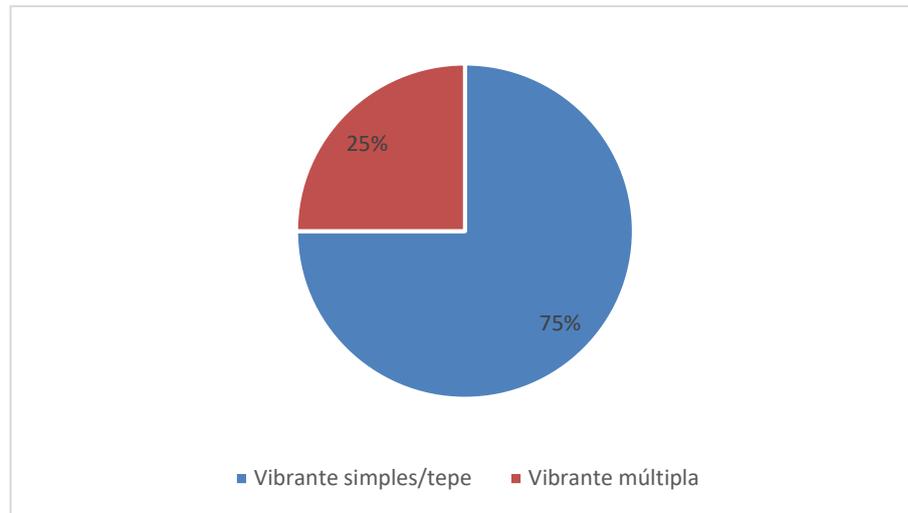
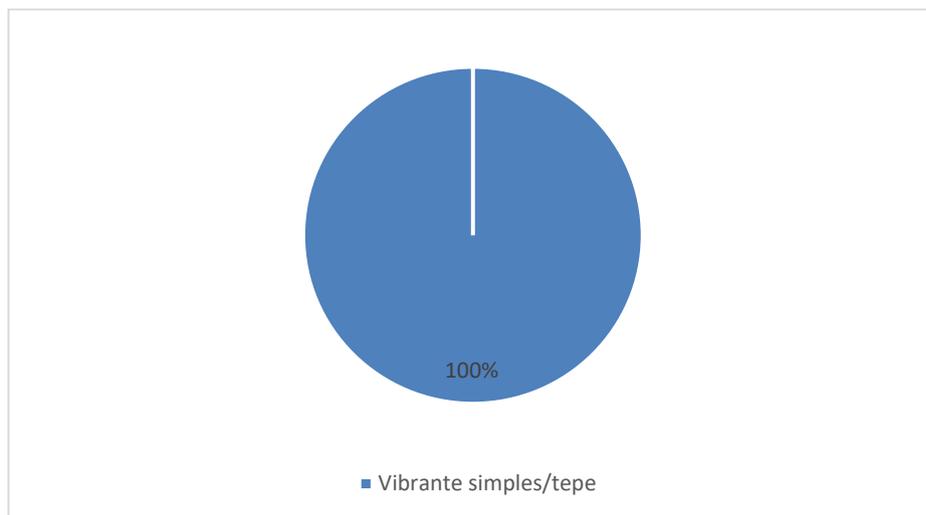
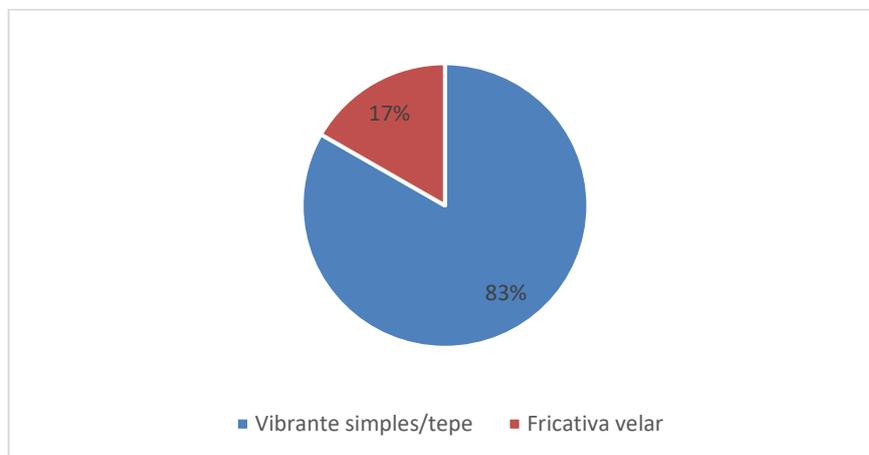
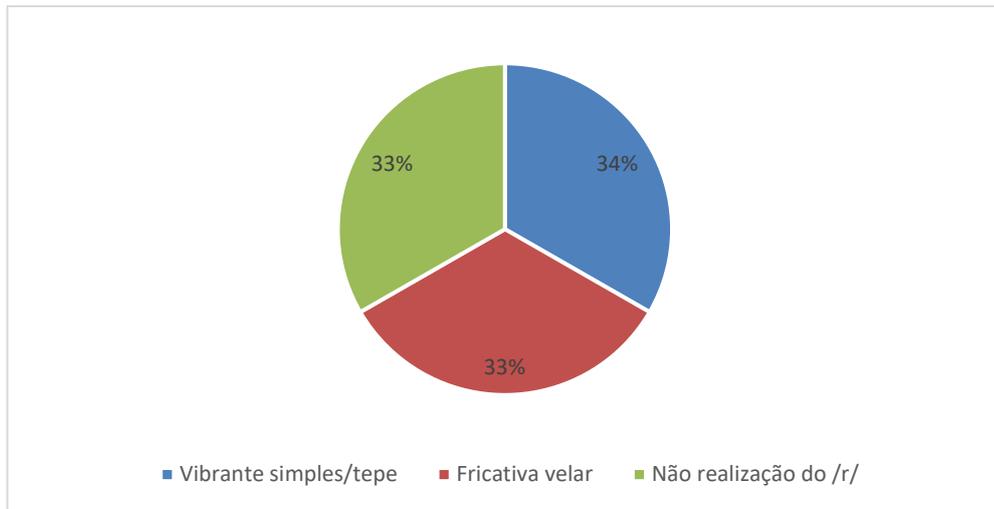
**Gráfico 7 - Onset Inicial****Gráfico 8 - Onset Medial****Gráfico 9 - Coda Medial**

Gráfico 10 - Coda Final



### 4.3 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Nesse capítulo, demonstramos a análise dos resultados obtidos através das gravações feitas com objetivo de estudar e descrever alguns processos fonológicos do guineense. A princípio, fizemos uma análise geral, seção 4.1, do questionário sociocultural aplicado antes das gravações o qual nos permitiu compreender o contexto cultural de cada informante. A seção 4.2 serviu para apresentar os processos fonológicos. Assim, na subseção 4.2.1, trouxemos considerações sobre a ocorrência da palatalização do /s/, e percebemos que, em posição de coda tanto medial quanto final, o processo de palatalização não é categórico, ou seja, pode variar, já na posição de onset complexo tivemos a ocorrência do processo na fala de todos os informantes. Na subseção 4.2.2, analisamos o processo fonológico de nasalização e nasalidade, no primeiro tivemos a nasalização da vogal que antecede a consoante nasal, contudo não tivemos a nasalidade da vogal que antecede a consoante nasal na sílaba seguinte, exceto em alguns casos em que havia a consoante nasal palatal. A subseção 4.2.3 permitiu analisar o processo fonológico de velarização do /l/, pudemos perceber que em posição de coda tanto medial quanto final ocorreu o processo de velarização, com exceção de 1 (um) informante em uma única palavra na qual tivemos o processo fonológico de vocalização do /l/. Na seção 4.2.4, observamos a variação do /r/ em posição de coda medial e final e em posição de onset inicial e medial, percebemos a realização de 3 (três) fones: o primeiro foi a vibrante simples/tepe que teve a maior ocorrência, o segundo foi a vibrante múltipla em apenas 1 (um) informante e em uma única palavra e a fricativa velar.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como propósito a análise e a descrição de alguns processos fonológicos do guineense. Dentre esses processos fonológicos, estão a palatalização do /s/; a nasalização e a nasalidade; a velarização do /l/; e a variação do /r/. Foram elaboradas 69 frases que continham vocábulos em que poderiam ocorrer os processos fonológicos e esses dados foram gravados com 6 (seis) estudantes da UNILAB do *campus* dos Malês.

Em relação ao perfil sociocultural dos entrevistados, um dos critérios estabelecidos para a pesquisa consistia em diferenciar o quadro de informantes, tendo estudantes que tinham acabado de chegar no Brasil e alunos que já tinham algum tempo país. Após a análise dos dados, no entanto, não percebemos diferenças com relação aos processos fonológicos.

Com relação a cada processo separadamente, o processo de palatalização do /s/ em posição de onset complexo ocorreu em todas as palavras produzidas por todos informantes, mas não houve uma ocorrência categórica em posição de coda medial e final nas palavras. Quanto ao processo fonológico de nasalização, verificamos sua ocorrência inclusive criando oposições com palavras com vogal oral, já com relação ao processo de nasalidade, observamos que a vogal que antecede a consoante nasal em sílaba seguinte não apresenta nasalidade, com exceção de duas palavras com a consoante palatal. Nessa posição acreditamos que o processo ocorra pelo fato de tal consoante apresentar um comportamento ambissilábico, ou seja, ocupar duas posições em sílabas diferentes (coda de uma sílaba e onset de outra). Esse comportamento diferente do processo de nasalidade com relação ao português demonstra como o guineense apresenta estruturas próprias e regras para seus falantes. No tocante à velarização do /l/, encontramos o processo em todos os informantes, tanto em posição de coda medial quanto de coda final, com exceção de 1 (um) informante que trouxe em uma única palavra a vocalização do /l/. Por fim, analisamos a variação do /r/ e constatamos que em posição de coda temos uma realização do /r/ mais ampla, sendo realizado pela fricativa velar surda e pela vibrante simples/tepe e mesmo o apagamento em coda final. Já em posição de onset, tivemos a ocorrência da vibrante simples/tepe, principalmente em posição de onset medial, e em posição de onset inicial tivemos apenas 1 (um) informante em uma única palavra que trouxe a vibrante múltipla, os outros informantes produziram a vibrante simples/tepe.

A análise desses processos demonstrou mais uma vez que o guineense apresenta uma base lexical portuguesa, mas não podemos estabelecer uma ligação direta entre ambas. Quanto aos processos fonológicos, verificamos que os processos apresentaram características

fonológicas do guineense, os padrões e regras para seus falantes como qualquer outra língua. Desse modo, consideramos o guineense uma língua que teve seu surgimento em um ambiente multilinguístico e que apresenta características dessa heterogeneidade linguística que existe em Guiné Bissau, não sendo um descendente direto do português.

Essa pesquisa deixou muitas inquietações que não foram possíveis investigar, pois seria necessário coletar mais dados e uma quantidade maior de informantes com os mesmo critérios (recém-chegados e veteranos) e mesmo uma distribuição igualitária entre homens e mulheres. Essas inquietações poderão ser solucionadas em trabalhos futuros (a exemplo de uma análise acústica de alguns processos e mesmo a discussão de outros processos), mas acreditamos que a pesquisa foi significativa e cumpriu com os objetivos propostos, principalmente, em demonstrar que o guineense apresenta estruturas próprias, além de contribuir para o estudo fonológico do guineense e para os estudos linguísticos de contato.

## REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Manuele. **Reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné**. 437 f. 2016. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017.
- CHAPOUTO, Sandra Marisa da Costa. Contributo para a descrição de aspectos fonológicos e prosódicos do crioulo guineense. 136 f. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Portugal, 2014.
- COSTA, Paula Mendes. **Descrição fonológica do crioulo guineense**. 242 f. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.
- COUTO, Hildo Honório do; EMBALÓ, Filomena. Literatura, língua e cultura na Guiné - Bissau: um país da CPLP. **Papia**, Brasília, n.20, p. 1-254, 2010.
- CRISTÓFARO SILVA, Thaís. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 2010.
- LAURENTINO GOMES. Escravidão – Vol. 1: Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares. [S.l.]: Globo livros, 2019.
- HORA, Demerval Oliveira da. **Fonética e fonologia**. [S.l.]. [s.n.]. [20--].
- INE (Instituto Nacional de Estatística). Recenseamento Geral da População e Habitação – Guiné Bissau: características socioculturais. Guiné-Bissau, 2009. Disponível em: <[http://www.stat-guineebissau.com/publicacao/caracteristicas\\_socio\\_cultural.pdf](http://www.stat-guineebissau.com/publicacao/caracteristicas_socio_cultural.pdf)>. Acesso em: 21 jan. 2020.
- LIMA, Jares Gomes; SHERRE, Maria Marta Pereira. Restrições linguísticas na palatalização do /s/ pós-vocálico seguido de [t] ou [tʃ] na fala de Caravelas – Bahia. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 1, n. 45, p. 30-46, maio./ago. 2018.
- MACEDO, Sandra Siqueira de. **A palatalização do /s/ em coda silábica no falar culto recifense**. 2004. 100 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.
- MANÉ, Baticã Braima Ença. **O ensino do guineense nas escolas: o que pensa os professores e alunos de dois estabelecimentos de ensino da Guiné Bissau**. 2018. 86 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2018.
- PRATAS, Fernanda. **O Sistema Pronominal do Caboverdiano: variante de Santiago**. Lisboa, 129 p. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2002.

ROUGÉ, Jean Louis. Uma hipótese sobre a formação do crioulo da Guiné-Bissau e da Casamansa. **Soronda – Revista de Estudos Guineenses**. n. 2, p. 81-98, 1986.

SCANTAMBURLO, Luigi. **Dicionário do guineense**, volume II – Dicionário guineense-português. Bissau/Bubaque: Edições FASPEBI, 2002.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **Para Conhecer Fonética e Fonologia do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2017.